

Universidade do Porto

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

ORIENTAÇÕES SEXUAIS NÃO NORMATIVAS EM DUAS GERAÇÕES

“(DES)IGUAIS”:

**ESTUDO EXPLORATÓRIO SOBRE CAMINHOS IDENTITÁRIOS NÃO
IMPLICADOS NO ASSOCIATIVISMO LGBT PORTUGUÊS**

Tiago Filipe Correia Martins

Junho 2016

Dissertação apresentada no Mestrado Integrado de Psicologia, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, orientada pelo Professor Doutor **Nuno Santos Carneiro** (FPCEUP).

AVISOS LEGAIS

O conteúdo desta dissertação reflete as perspectivas, o trabalho e as interpretações do autor no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceituais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação o autor declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. O autor declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

Agradecimentos

Ao Professor Nuno Carneiro, a quem eu devo um agradecimento especial por me ter permitido realizar esta tese. Obrigado pela forma como me recebeu, pela confiança, pelas reflexões pertinentes e sobretudo pelo modo como sempre me motivou a conseguir melhor.

Ao meu pai, por me ter possibilitado alcançar este que veio a ser um grande objetivo. Uma palavra especial para a minha mãe, que desde início me apoiou e sempre me incentivou a acreditar. Sem ti, isto não seria possível!

À Gisela, minha melhor amiga e companheira de vida. Um agradecimento especial pela forma como acreditas e como me tens vindo a acompanhar em todos os momentos da minha vida. Obrigado pelo incansável apoio.

Ao Jonathan, meu melhor amigo, por estar comigo nos momentos mais importantes. Obrigado pelas boas partilhas, pela cumplicidade e por tudo aquilo que a nossa amizade representa na minha vida.

Ao Rui e à Cindy, por me mostrarem o verdadeiro sentido da amizade e por me fazerem acreditar que com amor tudo é possível. Obrigado pelo apoio, pela palavra amiga e pela simplicidade dos gestos.

À Filipa e à Rita, que me acompanham desde o início desta jornada, e quem eu guardo um carinho especial pela forma como a nossa amizade representou nos últimos anos.

À Sofia, companheira, amiga e parceira de trabalho. Sem o teu apoio estes últimos dois anos não seriam tão possíveis.

Obrigado à Cristina, pelos bons momentos, pela amizade e pela forma como simpaticamente me recebeu na FPCEUP.

À Diana, a primeira pessoa a quem tive a oportunidade de partilhar esta tese. Obrigado pelas dicas, pelo incentivo e pelo modo como a nossa amizade tem vindo a crescer.

Obrigado à equipa de investigação, pela motivação e pela partilha de conhecimentos.

Obrigado a todos e a todas as participantes pela forma como me acolheram e me deixaram entrar naquilo que representa cada um de vocês. Tudo o que aqui apresento é um bocadinho vosso.

A todos os meus amigos e amigas, que são a família que eu tive a oportunidade de escolher. Obrigado por me fazerem sentir que mesmo em contextos difíceis e de discriminação, é sempre possível resistir, promover a mudança, e ser feliz!

A todos aqueles e aquelas que de início verdadeiramente me apoiaram, e me inspiraram na conquista de mais uma etapa com mérito próprio e humildade, **um grande obrigado!**

Resumo

O conhecimento acerca das orientações sexuais socialmente entendidas como não normativas, tem sido encarado nas últimas décadas como um processo em constante mudança relativamente às atitudes e formas como a população as reconhece. É com base nestas abordagens históricas e nos modos de conhecimento social que se procurou, no decorrer deste estudo, estabelecer uma análise comparativa entre a forma como sujeitos de duas gerações distintas vivencia(ra)m orientações sexuais (não-)normativas, de acordo com o modelo de identidade sexual de McCarn e Fassinger (1996) e Fassinger e Miller (1996). Uma das gerações corresponde a sujeitos com idades compreendidas entre os 21 e os 25 anos, para quem o associativismo LGBT esteve já presente. A outra geração, incluindo sujeitos com idades acima dos 50 anos e com vivências de sexualidade marcadas pela repressão, apresenta-se como aquela que esteve desprovida de movimentos associativos que a representassem. Procurou-se também identificar os posicionamentos que estes sujeitos têm acerca dos (des)envolvimentos preconizados pelos movimentos associativos LGBT, compreendendo de que forma os seus contributos se tornaram ou não relevantes nos percursos destes sujeitos de ambas as gerações, sob a condição de não terem implicações e/ ou envolvimento nestes mesmos movimentos. Integrou-se ainda, em curto trecho, o panorama legislativo e desenvolvimental dos movimentos associativos em Portugal como importante apontamento histórico e social.

A presente investigação teve por base uma metodologia qualitativa onde se recorreu à análise temática, de acordo com Braun e Clark (2006, 2013). Das 10 entrevistas realizadas (6 com pessoas de uma geração e 4 da outra geração) emergem quatro temas principais de análise: 1) Processos de tomada de conhecimento; 2) Representações sobre o associativismo LGBT; 3) Desenvolvimento das identidades sexuais não-normativas; 4) (In)aceitação social das identidades. Os resultados da análise não indicam diferenças significativas entre as duas gerações, exceto no tema relativo à (in)aceitação social das identidades, bem como na perspetiva pessoal acerca dos contributos associativos LGBT ao longo dos seus percursos. Em conclusão, surgem também alguns apontamentos e algumas sugestões para a prática da mudança social e cultural, e para futuros rumos de investigação.

Palavras-chave: identidades sexuais, LGBT, gerações, associativismo, história

Abstract

The knowledge about sexual orientations socially perceived as non-normative, has been seen in the last decades as a process of constant change regarding to the attitudes and the ways the population recognize them. Based on this historical approach and social knowledge, the present study tried to establish a comparative analysis between the way people from two different generation live(d) their non-normative sexual orientations, according to the model of sexual identity by McCarn and Fassinger (1996) and Fassinger and Miller (1996). One generation comprises subjects with ages between 21 and 25 years old, with LGBT associativism to represent them. The other generation, which includes subjects with ages above 50 years old and with a sexual living marked by repression, had no associativism movements to represent them. This study attempted to identify the positioning of these subjects regarding the developments made by the LGBT associativism movements, understanding how their contribution became or not relevant in their personal journey, once they were not implicated and/involved in these movements. Additionally, this investigation briefly integrated the legislative and developmental panorama of the associativism movements in Portugal as an important historical and social mark.

The present study was based on a qualitative method with thematic analysis, according to Braun and Clark (2006, 2013). The 10 interviews (6 with people from one generation and 4 from another) revealed 4 main themes to analyze: 1) Awarenesses of personal sexual identity; 2) Representations about the LGBT associativism; 3) Development of the non-normative sexual identities; 4) Social (non)acceptance of the identities. The results did not reveal differences between the two generations, except for the social (non)acceptance of the identities theme and personal perspective about the contributes of the LGBT associativism. In the end, we indicate some notes and suggestions to the practice of social and cultural change and future research.

Key words: sexual identities, LGBT, generations, associativism, history

Résumé

Les connaissances sur l'orientation sexuelle socialement comprise comme non normatif, ont été vu au cours des dernières décennies comme un processus en constante évolution par rapport à des attitudes et des façons dont la population les reconnaît. Basé sur c'est abordages historiques et les modes la connaissance social qu'on a cherché au cours de cette étude, l'établissement d'une analyse comparative de la façon dont les sujets de deux générations distinctes vie et ont vécu c'est orientations sexuelles de façons non normatives ou normative, selon le modelé de l'identité sexuelle de McCarn et Fassinger, (1996) et Fassinger et Miller (1996). Une des générations correspond a des personnes âgées entre 21 et 25 ans, par qui l'associativisme LGBT a été déjà présent. L'autre génération incluent les personnes avec plus de 50 ans et avec un vécu de sexualité marquée par la répression, est présenté comme celle qui a été dépourvue de mouvements associatifs qui la représentent. Cherchant également à identifier les positions que ses personnes ont préconisée par rapport aux mouvements associatifs LGBT comprenant la façon dont leurs contributions sont devenues pertinentes. Il s'est cherché aussi identifier les positionnements que ses personnes ont sur le développement et participations recommandé par les mouvements LGBT, comprenant de quelle manière leur contribution ont devenu pertinent ou pas dans leurs parcours c'est personnes des deux générations, sur la condition de ne pas avoir des implications et/ou participé dans c'est même mouvement. Il rejoint encore en peu de temps, le panorama législatif et du développement des mouvements associatif au Portugal comme important rendez-vous historique et social. Cette présente recherche a été fondée pas une méthodologie qualitative ou le recours à l'analyse thématique d'accord avec Braun et Clark (2006, 2013). Des 10 interview réalisée (6 de la première génération et 4 de l'autre génération) émerge quatre thèmes principaux de l'analyse: 1) Processus de connaissance; 2) Les représentations des associations LGBT; 3) Développement des identités sexuelles non normatives; 4) (Non)acceptation sociale des identités. Les résultats de cette analyse n'indiquent pas les différences significatives entre les deux générations sauf dans le thème relatif à l'acceptation ou l'inacceptation social des identités, bien comme dans la perspective personnel sur les contributions associatifs LGBT au long de leurs parcours. En conclusion, il figure également quelques notes et quelques suggestions par la pratique du changement social et culturel, et les orientations futures de la recherche.

Mots-clés: Identité sexuelle; LGBT; générations; associativisme; histoire.

Índice

Introdução.....	1
Capítulo I – Enquadramento teórico.....	3
1. (Des)envolvimentos em Portugal - breve contextualização histórica	3
1.1 Alguns marcos históricos do movimento LGBT em Portugal	4
3. Modelo integrativo de formação de identidade sexual.....	8
Capítulo II - Estudo Empírico	12
1. Objetivo do Estudo	12
2. Metodologia.....	12
2.1 Participantes	12
2.2 Procedimento	14
2.3 Instrumento e método de análise de dados	14
3.1. Processos de tomada de conhecimento.....	17
3.1.1. Perceção da “orientação”	17
3.1.2. Medos face ao desejo.....	18
3.1.3. As esferas da negação.....	19
3.1.4. Primeiros contactos LGBT	21
3.1.5. Sexualidade como fase	22
3.2. Representações sobre o associativismo LGBT.....	22
3.2.1. Importância Associativa	22
3.2.2. (Des)conhecimento das associações LGBT	24
3.2.3. As conquistas (pessoalmente) percecionadas como Marcos	25
3.2.4. Participação como necessidade e privilégio	26
3.3. (In)aceitação social das identidades	27
3.3.1. Conceção de “minorias sexuais”	27
3.3.2. (Sentir) Homofobia.....	29
3.3.3. Compartimentar identidades, (ser) LGBT	30
3.3.4. Progressos na(s) forma(s) de “olhar” as orientações não heterossexuais.....	31
3.3.5. Lutas e reconhecimento humano	32
3.4. Desenvolvimento das identidades sexuais não-normativas.....	34
3.4.1. Redes (d)e suporte	34
3.4.2. Relações e perceções acerca das “minorias”	37

4.4.3. Comportamento dependendo do contexto	40
3.4.4. Posições da imposição social de correspondência à heteronormatividade.....	42
3.4.5. Referências pessoais.....	44
3.4.6. Percepção acerca de si, hoje e no futuro.....	44
Conclusão	46
Referências	50
Anexos.....	55

Índice de Anexos

Anexo 1. Características sócio-demográficas dos/as participantes.....	56
Anexo 2. Declaração de Consentimento Informado.....	57
Anexo 3. Compromisso de Confidencialidade dos Dados de Investigação	58
Anexo 4. Guião de entrevista	59
Anexo 5. Sugestões de itens	65
Anexo 6. Questões acerca dos itens.....	68
Anexo 7. Questionário sócio-demográfico	69
Anexo 8. Ordenação e grau de importância atribuída a cada item pelos sujeitos na relação com a descrição do desenvolvimento das suas identidades (LGBT).....	70

Índice de Figuras

Figura 1. Mapa temático da análise	16
Figura 2. Organizador central.....	45

Índice de Tabelas

Tabela 1. Descrição dos/as participantes.....	56
Tabela 2. Seleção dos itens.....	70

Lista de abreviaturas

LGBT	Lésbicas, <i>gays</i> , bissexuais e transgénero/ transexuais
ILGA	Internacional Lesbian And Gay Association
DSM	Manual Diagnóstico e Estatística de Perturbações Mentais
OMS	Organização Mundial de Saúde
GA	Geração Anterior
GN	Geração Mais Nova
SIDA	Síndrome da Imunodeficiência Adquirida

Introdução

O processo de formação de identidade *gay* e lésbica tem sido encarado pela literatura (e.g. McCarn & Fassinger, 1996; Fassinger & Miller, 1996; Mohr & Fassinger, 2003) como um fator em constante mudança e evolução, pelas atitudes e reações que em torno dela ainda predominam. Neste sentido, são diversas as investigações que continuam a defender a necessidade de pesquisas que fomentem a exploração das identidades sexuais de modo a melhor compreender as suas repercussões pessoais e relacionais (e.g. D'Augelli & Grossman, 2001; Savin Williams, 2006, 2009). Apesar de vários estudos se debruçarem sobre os processos subjacentes ao desenvolvimento da identidade sexual de lésbicas e *gays*, permanece ainda, a necessidade de esclarecer os obstáculos inerentes à integração plena destas identidades sexuais pois são as próprias investigações que, por vezes, ajudam a perpetuar uma série de preconceitos face a estes sujeitos (Savin Williams, 2009). Importa salvaguardar que a contextualização teórica deste estudo procurou situar alguns resultados de investigação, relativos, em parte, à saúde mental dos sujeitos que nelas participam.

Encarando os esforços já alcançados e as barreiras que se continuam a constatar, consideramos, contudo, que é importante frisar que os sujeitos mais velhos não tiveram tantos modelos de identificação (nomeadamente associativa) LGBT, em comparação com os sujeitos de uma geração que é hoje mais nova. Com esta investigação, procura-se, assim, aprofundar o conhecimento sobre o desenvolvimento e as vivências das orientações sexuais socialmente consideradas como não-normativas de duas gerações: as que (con)viveram com o regime ditatorial anterior a 25 de Abril de 1974, que marca sobretudo um regime de privação da liberdade individual, social e sexual dos sujeitos, e as gerações mais novas, para quem a emergência e a inscrição do associativismo esteve presente.

Importa, antes de mais, salientar que os movimentos feministas são os principais impulsionadores históricos dos estudos sobre as orientações sexuais e que permitiram o reconhecimento das reivindicações de direitos das pessoas LGBT (Santos, 2005). Esta multiplicidade de posições que constroem as orientações sexuais e as identidades de género, trouxeram novas conceções, pelo que não seria possível fazer referência histórica e culturalmente sustentada às identidades sexuais LGBT sem esta interdependência na relação do género com as orientações sexuais.

No seguimento desta importância histórica pretendemos conhecer os precursores na exploração da identidade sexual dos sujeitos cuja orientação sexual não corresponde à norma social, com base no modelo integrativo de identidade sexual de McCarn e Fassinger (1996) e Fassinger e Miller (1996), compreendendo, ainda, os posicionamentos destes sujeitos face aos contributos por eles sentidos (ou não) no que respeita ao movimento associativo LGBT português. No entanto, reporta-se a não integração de modelos relativos à bissexualidade pois estes são ainda pouco explorados, na medida em que maioritariamente agregam as vivências e especificidades dos sujeitos bissexuais às dos sujeitos lésbicas e *gays*, não considerando os desafios e particularidades que a população bissexual enfrenta especificamente (Hoang, Holloway & Mendoza, 2011).

Em suma, iniciamos este trabalho de investigação com uma breve revisão da literatura que pretende enquadrar a abordagem da perspetiva histórica e social dos movimentos associativos LGBT, a análise comparativa entre duas gerações, e um modelo de identidade sexual *gay* e lésbica já referido. Posteriormente apresentamos os objetivos do estudo que motiva a investigação e, após a análise e discussão dos resultados, são apresentadas as conclusões, limitações e propostas para futuras investigações.

Capítulo I – Enquadramento teórico

1. (Des)envolvimentos em Portugal - breve contextualização histórica

Até ao ano de 1970 a homossexualidade era, internacionalmente, considerada como um distúrbio mental. Só a partir de 1973 é retirada da lista de doenças do DSM pela APA – Associação Americana de Psiquiatria (Sullivan, 2003) constituindo um importante marco histórico no combate à discriminação com base na orientação sexual (Santos, 2005). A primeira lei em Portugal que criminaliza atos considerados contra a (suposta) natureza heterossexual surge em 1912, subindo ao Código Penal em 1954. Esta norma só extingue e passa a ser descriminalizada no ano de 1982, período pós-ditadura (Ferreira & Silva, 2011).

Em Portugal, em meados do ano de 1950, do séc. XX, não eram perseguidas mulheres identificadas com desejos por pessoas do mesmo sexo e com cargos profissionais de destaque, na condição de não manterem a sua orientação sexual socialmente visível. Percebe-se, desta forma, que a estigmatização com que a sociedade portuguesa olhava a realidade não-heterossexual, conduzia a que estas pessoas agissem em constante medo da humilhação e da repulsa social (Almeida, 2010). Nesse mesmo século, em meados dos anos 1960/1970, a reivindicação de direitos dos movimentos feministas LGBT, bem como a luta pelos direitos individuais, eram desprotegidas pelas próprias elites políticas portuguesas que contestaram a ditadura e sustentariam a instauração de um regime democrático pós-25 de Abril. Num regime ditatorial e socialmente segregador vivido no contexto português, em época de Estado Novo, os membros das famílias de elite social, económica e familiar, usufruíam dos direitos à liberdade e permissividade que esse estatuto concedia mesmo com comportamentos e atitudes consideradas, na época, como antissociais e desviantes da norma. Assim, ainda após o 25 de Abril, apenas sujeitos pertencentes a estas classes poderiam viver com menos recriminação, pois, aquelas menos favorecidas, corriam o risco de ser extorquidas monetariamente e serem forçadas a conceder favores sexuais em troca do silêncio por parte da polícia (Almeida, 2010).

A adesão de Portugal à União Europeia em 1986 veio impulsionar e fortalecer a igualdade e os princípios da não discriminação através da emergência associativa (Cascais, 2006). Contudo, numa época onde não havia associativismo LGBT, fatores relativos à

discriminação e estigmatização, eram muito presentes em Portugal, no qual, o próprio Estado estigmatiza aqueles/as que não se apresentam com uma família heterossexual, promovendo, assim, a contestação de quem não ia ao encontro a esses mesmos parâmetros (Almeida, 2010). Em breve resenha, a epidemia da SIDA e a adesão de Portugal à União Europeia, em meados dos anos 80, impulsionaram a possibilidade dos movimentos LGBT surgirem no espaço público, até então desvalorizados e desatendidos pelas próprias elites políticas (Santos, 2005; Cascais, 2006; Almeida, 2010).

1.1 Alguns marcos históricos do movimento LGBT em Portugal

O movimento LGBT surge como contestação à opressão, ao controlo e às atitudes discriminatórias com base na orientação sexual e às identidades de género dos indivíduos que não se identificaram com a norma social imposta. Como importante apontamento histórico e social, vale mencionar que os grandes marcos de conquista do movimento LGBT em Portugal ganham visibilidade e credibilidade, primordialmente, a partir da revolução de 25 de Abril de 1974, data a partir do qual se possibilitam as liberdades jurídico-políticas, bem como de associação e expressão, e onde, desta forma, surgem as primeiras manifestações de emancipação LGBT (Santos, 2005; Cascais, 2006; Almeida, 2010).

Num primeiro momento, o movimento associativo LGBT surge como um período no qual era socialmente desconhecida a existência de sujeitos de orientação não-heterossexual e onde era (praticamente) inexistente a reivindicação de lutas contra estas realidades (Cascais, 2006). Como tal, ainda que num período tardio comparativamente a outros países, surge em 1974 o Movimento de Ação dos Homossexuais Revolucionários (MAHR) caracterizado pelos primeiros manifestos dos direitos destas consideradas minorias sexuais (Cascais, 2006). Sendo, portanto, em Agosto de 1980, que surge a primeira tentativa de tornar visível o ativismo homossexual, através do Colectivo de Homossexuais Revolucionários (CHOR) (Santos, 2005; Cascais, 2006; Almeida, 2010; Colling, 2015; Maia, Louçã e Vitorino, 2016). Posteriormente, em 1982, o CHOR apresenta-se no ciclo de debates relativos aos Encontros “*Ser (Homo)sexual*”, realizado pelo Centro Nacional de Cultura, cuja reflexão se centrara nos movimentos em Portugal, o que se veio a tornar um

contributo substancial para a mudança de paradigma institucional, e consequentemente, para a diminuição da estigmatização social perante a comunidade *gay* e lésbica (Santos, 2005; Cascais, 2006; Almeida, 2010; Maia, Louçã e Vitorino, 2016).

Surgem, num segundo momento, as primeiras organizações não-governamentais ligadas à luta contra a SIDA. Grosso modo, este ativismo veio permitir impulsionar a visibilidade da existência de um movimento associativo LGBT, promovendo pressão nos organismos políticos partidários e às instituições do Estado (Cascais, 2006). Assim, é na década de 1990 que se começam a sentir as primeiras associações LGBT em Portugal, com o objetivo de lutar contra políticas discriminatórias e, consequentemente, promover o apoio a estas comunidades, tornando-as mais visíveis e com maiores oportunidades de integração na sociedade (Carneiro, 2009). No combate à desigualdade e luta pelo isolamento vivido pelas mulheres lésbicas portuguesas é publicada em 1991 a primeira revista lésbica, “Organa”, e mais tarde, no ano de 1993, a revista “Lilás” (Santos, 2005; Cascais, 2006; Almeida, 2010; Maia, Louçã e Vitorino, 2016), que procura defender mulheres lésbicas e chegar informação até aos meios rurais. Em 1995 é fundada a mais antiga associação, ILGA-PORTUGAL por ativistas vindos da luta contra a epidemia da SIDA, que pretende defender a discriminação em função da orientação sexual e da identidade de género (Santos, 2005; Cascais, 2006; Almeida, 2010; Ferreira e Silva, 2011; Maia, Louçã e Vitorino, 2016), embora só venha a ser reconhecido legalmente em 1997 na inauguração do Centro Comunitário Gay e Lésbico (Colling, 2015). No ano seguinte, em 1996, surge o *site* Portugalgay.pt para o estabelecimento de debates, diálogos e formas de combate à discriminação destas populações. Nesse mesmo ano é, ainda, fundada a associação Clube Safo, na defesa dos direitos das mulheres lésbicas portuguesas (Santos, 2005; Cascais, 2006; Almeida, 2010; Ferreira e Silva, 2011; Maia, Louçã e Vitorino, 2016), bem como a revista “Korpus” (Santos, 2005; Cascais, 2006). A primeira Marcha do Orgulho em Portugal surge em 2000 e o seu reconhecimento permitiu o crescimento até ao ano de 2002 (Santos, 2005; Cascais, 2006). Perante estes desenvolvimentos são criadas associações, como a Não Te Prives- Grupo de Defesa dos Direitos sexuais, em 2001; a *Rede ex aequo* (2003), destinada à luta contra a discriminação e consequente integração dos jovens na sociedade; e, ainda em 2003, a @t, Associação para o Estudo e Defesa dos Direitos à Identidade de Género (Santos, 2005; Cascais, 2006; Almeida, 2010; Ferreira e Silva, 2011; Maia, Louçã e Vitorino, 2016). No ano de 2004 surge o Coletivo Panteras Rosa caracterizada por um grupo que defende uma democracia radical que promove ações no

âmbito do combate à discriminação da comunidade não-heterossexual (Maia, Louçã e Vitorino, 2016). Em 2009 surge a Amplos, associação de mães e pais na luta pela liberdade de orientação sexual e identidade de género (Maia, Louçã e Vitorino, 2016). Nesse mesmo ano, é incluído o princípio da igualdade através da não discriminação relativamente à orientação sexual presente na Constituição Portuguesa (artigo 13º) (Ferreira & Silva, 2011; Colling, 2015), embora a identidade de género não esteja ainda reconhecida (Colling, 2015). No ano seguinte, em 2005, o Instituto Português do Sangue estabelece finalmente a permissão de homens *gays* poderem ser oficialmente doadores de sangue (Ferreira & Silva, 2011).

O reconhecimento da união de facto para casais do mesmo sexo acontece no ano de 2001 através do Decreto de Lei nº 7/2001, de 11 de Maio (Ferreira & Silva, 2011; Maia, Louçã e Vitorino, 2016), trazendo este um grande impacto social pelo progresso no estabelecimento da igualdade de direitos, ainda que de forma muito tímida. Contudo, desde há muito esperado, é em 2010 que é aprovada na Assembleia da República o direito ao casamento entre pessoas do mesmo sexo (Ferreira & Silva, 2011; Maia, Louçã e Vitorino, 2016). Mais tarde, no ano de 2013 surge a associação Braga Fora do Armário, reivindicando os seus direitos através da primeira marcha LGBT na cidade (Maia, Louçã e Vitorino, 2016). Uma das conquistas mais recentes acontece no ano de 2016, através da eliminação à discriminação no acesso à adoção, apadrinhamento civil e demais questões jurídicas familiares, por casais do mesmo sexo (Maia, Louçã e Vitorino, 2016)

2. Exploração de identidade sexual: gerações distintas

Pesquisas recentes apontam para a existência de diferenças geracionais ao nível da construção da identidade sexual, resultado de um vasto conjunto de opções experienciais que a geração atual dispõe comparativamente às gerações antecedentes (Savin-Williams, 2006). Como referido por Almeida (2010), pelas questões sociais vigentes no Estado Novo, homens e mulheres cediam à (quase) obrigatoriedade de seguir a norma que a sociedade foi inculcando e, por isso, na tentativa de corresponder à pressão social, tentavam, algumas e alguns deles/as, reorientar os seus desejos sexuais e emocionais de forma a obedecer a este modelo social. Casar e ter filhos era uma das regras muito vigoradas da época, seguindo o “modelo da procriação” referido por Cascais (2009, citado por Almeida, 2010, p.32), tudo de forma a camuflar os comportamentos, considerados provenientes de

uma objeção à norma. Muitos dos indivíduos, sujeitos à discriminação social em função das suas orientações sexuais, são desde a adolescência, confrontados/as com a opressão, a rejeição e a exclusão de muitos dos seus direitos (D'Augelli, Hershberger & Pilkington, 2001b; Savin-Williams, 2006) ingressando, por isso, numa fase de negação da sua orientação sexual e conseqüente reorientação e rejeição dos seus desejos sexuais (D'Augelli et al., 2001b). A identificação e aceitação plena da identidade sexual, como sendo *gay* ou lésbica, estão associadas a um maior ajustamento ao longo do ciclo vital, apresentando maiores níveis de suporte social, bem como maior auto estima e satisfação com a vida (e.g. Grossman, D'Augelli & Hershberger, 2000; D'Augelli, Grossman, Hershberger, & O'Connell, 2001b). De facto, os autores Wright e Canetto (2009) indicam-nos que, independentemente da sua orientação sexual, os/as adultos/as mais velhos/as foram identificados/as como sendo detentores de comportamentos de maior fragilidade, impotência e ou solidão, em comparação aos sujeitos mais novos. Desta forma, sendo sujeitos lésbicas e *gays*, estes comportamentos intensificam-se devido à estigmatização a que são alvo, bem como pelos estereótipos vigentes, muito ligados às questões dos pré-conceitos sociais de género (Wright & Canetto, 2009).

Friend (1980, citado por Hughes, 2003) diz-nos que o processo de *coming out*¹ tem efeitos positivos, na medida em que permite um maior ajustamento nos contextos, bem como uma melhor gestão das crises ao longo da vida, já que, em comparação aos seus pares heterossexuais, estes passam por um processo de envelhecimento condicionado pela internalização de ideologias negativas relativamente à sua sexualidade, derivadas das conceções sociais. Esta é uma perspetiva que vai de encontro ao demonstrado por D'Augelli e Grossman (2001) ao referirem que quando a identidade se torna oculta ou não é revelada, promove níveis mais elevados de isolamento pessoal e social, resultando em maiores comportamentos e pensamentos suicidas, assim como o maior contacto com álcool e abuso de drogas. O negativo impacto que a homofobia² traz aos adolescentes LGBT tem também sido explorada ao longo de várias investigações (e.g. Needham, 2012). Todas e todos crescem numa sociedade heterossexista³, onde os primeiros anos escolares envolvem

¹ O termo *coming out of the closet* (que em português se traduz habitualmente por sair do armário e, com frequência é abreviado para *coming out*, sendo esta expressão abreviada a que utilizamos nesta tese) é referente à revelação ou ao conhecimento social da orientação não heterossexual.

² “Medo e/ou evitamento irracional suscitados pela presença, real e/ou imaginada, de homossexuais” (Weinberg, 1972, citado por Carneiro, 2006, p.55).

³ “O heterossexismo representa um sistema de valores, crenças e costumes destinados à estigmatização de qualquer forma não heterossexual de identidade” (Morin, 1977, citado por Carneiro, 2006, p.53).

o contacto com experiências homofóbicas, estando expostos/as a maiores fatores negativos que dificultam o desenvolvimento saudável e ajustado, em comparação aos pares heterossexuais (Needham, 2012). Neste seguimento, Grossman et al. (2000) enfatizam a importância das redes de apoio social, especialmente para estes/as adultos/as mais velhos/as cuja identidade sexual é alvo de recriminação, uma vez que este suporte permite atenuar o impacto negativo que a estigmatização providencia, contribuindo, conseqüentemente, para o bem-estar geral, defendendo a existência de um efeito positivo quando indivíduos mais novos experienciam este suporte precocemente, no qual vai contribuir para a qualidade de vida na idade adulta. Os autores Doty, Willoughby, Lindahl e Malik (2010) revelam que o apoio percebido pelos/as jovens LGB acerca da sua identidade sexual, no que concerne à aceitação plena de pessoas importantes em suas vidas, traz consigo menor isolamento social e maior satisfação com a vida, promovendo efeitos significativos ao nível da saúde mental. Este apoio sócio emocional dos/as pais/mães e pares, fornece uma maior probabilidade de melhoria do bem-estar das/os jovens e diminuição dos efeitos negativos do *stress* (Saltzburg, 2009), mostrando, desta forma, maior satisfação e abertura da sua identidade sexual quando é percebido este apoio dos membros das suas redes sociais (D'Augelli et al., 2001b). No entanto, a revelação da orientação sexual é sempre muito ameaçadora para estes jovens devido ao receio da rejeição por parte das figuras que lhes são significativas (Savin Williams & Ream, 2003).

3. Modelo integrativo de formação de identidade sexual

Nas últimas décadas, a exploração e desenvolvimento da identidade sexual e social tem sido alvo de atenção crescente na literatura (e.g. Cass, 1984; Coleman, 1982; Sophie, 1987; Troiden, 1989; Mohr & Fassinger, 2003; McCarn & Fassinger, 1996; Fassinger & Miller, 1996). Nestes vários modelos de formação de identidade sexual estão incluídas fases, no qual, individualmente, é expresso o compromisso com a comunidade estigmatizada, assim como são rejeitados os valores culturais no que respeita à heteronormatividade⁴. Na

⁴ Por heteronormatividade é entendido a heterossexualidade como um conjunto “coerente” e “privilegiado” do modo de viver a sexualidade (Schilt & Westbrook, 2009).

tentativa de superar as críticas existentes acerca destes modelos, foi desenvolvido o modelo de Ruth Fassinger e seus colaboradores (McCarn & Fassinger, 1996; Fassinger & Miller, 1996), inicialmente criado para descrever a formação da identidade sexual de lésbicas (McCarn & Fassinger, 1996), e posteriormente validado junto de homens *gays*, (Fassinger & Miller, 1996).

Considerando toda a opressão e discriminação experienciada pelos indivíduos que se auto identificam como *gays* e lésbicas, o modelo desenvolvido por McCarn e Fassinger (1996) e Fassinger e Miller (1996), foca-se nas experiências subjetivas de se ser “diferente”, enfatizando a importância da participação política destes indivíduos para a internalização positiva da sua identidade sexual como membro de um grupo oprimido a nível social. No entanto, um cuidado crítico neste modelo diz respeito a esta participação política, já que segundo as/os autoras/es, um sujeito ativo e mais envolvido politicamente não é, necessariamente, um sujeito com uma identidade sexual integrada, sendo, contudo, até cauteloso impor que este se exponha à discriminação que se visa socialmente, fazendo deste mesmo sujeito uma vítima do preconceito.

Um dos aspetos centrais que Fassinger e Miller (1996) referem deste modelo, diz respeito à sua flexibilidade em cada fase, onde, como supra mencionado, designaram fases em vez de estádios, no qual o desenvolvimento da identidade sexual é um processo contínuo e circular, em que “cada nova relação [interpessoal] suscita novas questões à sexualidade individual e cada novo contexto requer uma consciência renovada da opressão grupal” (Fassinger & Miller, 1996, p. 522). Não obstante, tem ainda como principal particularidade, a revelação da sexualidade, como fator de desenvolvimento, apenas na última fase de identidade do grupo. Dessa forma, no presente modelo a auto aceitação da sua identidade sexual e a sua revelação aos outros são considerados construtos independentes. O desenvolvimento da identidade sexual de indivíduos *gays* ou lésbicas, segundo o modelo referido (McCarn & Fassinger, 1996; Fassinger & Miller, 1996) é dividido em dois processos – individual e grupal - que, mesmo independentes, são mutuamente catalíticos, não sendo necessariamente simultâneos entre si: a) o processo a nível individual está relacionado com a identidade sexual do indivíduo que compreende, aceita e integra as suas preferências sexuais e estilos de vida; b) ao nível de grupo, é referente o confronto da opressão e da (auto) aceitação enquanto membro de um grupo não aceite socialmente.

Em suma, apresenta-nos quatro fases que correspondem ao desenvolvimento da identidade lésbica e *gay*, sendo eles:

Consciência: Relacionado com os sentimentos que o sujeito percebe como não estando de acordo com a norma heterossexual, poderá ainda não se definir como sendo *gay* ou lésbica, possuindo estados de confusão e medo. O contacto com outros sujeitos pertencentes a estas minorias sexuais permite o reconhecimento de que pertence a uma sociedade não exclusivamente heterossexual. Esta percepção implica que, junto do grupo no qual este/a se identifica sexualmente, reconheça a existência da exposição ao heterossexismo e homofobia. Esta primeira fase é caracterizada, em maior dimensão, pela identificação com outros indivíduos que, mesmo sendo do mesmo sexo, partilham dos mesmos desejos sexuais, e não pelas problemáticas psicológicas que a própria discriminação promove ao indivíduo.

Exploração: Há um forte reconhecimento dos sentimentos com outros sujeitos do mesmo sexo, no qual se procura aproximação, não existindo necessariamente exploração de comportamentos sexuais. Esta exploração afetiva explica a consciencialização da “diferença” junto de grupos de “iguais”, procurando ativamente o conhecimento sobre ser *gay*/lésbica, bem como a possibilidade e ou tentativa de pertença a esse mesmo grupo. Estes fatores desenvolvimentais podem contribuir para o bem-estar do sujeito, ao mesmo tempo que pode experienciar sentimentos de culpa pelas suas atitudes que de alguma forma contribuíram para o heterossexismo.

Aprofundamento ou Compromisso: Esta fase caracteriza-se pela clara consciência dos seus desejos e sentimentos, proporcionando um sentido de auto realização e compromisso com a sua identidade sexual, identificando-se com os outros sujeitos pertencentes à sua comunidade. Este envolvimento e identificação com este grupo submete-se em maior dimensão comparativamente ao estágio precedente, tendo presente as consequências das suas escolhas já que podem predominar, simultaneamente, sentimentos de raiva e tristeza, como de aceitação e auto confiança.

Internalização ou Síntese: Denominada como fase mais complexa, é aqui que se manifesta a plena auto aceitação do seu amor e desejo por outros sujeitos do mesmo sexo, e no qual o orgulho e a segurança acerca de si estão presentes nos vários contextos. Assim, esta última fase implica uma total interiorização da sua identidade sexual, sintetizando o

seu auto conceito geral, que promove fatores positivos enquanto *gay*/lésbica e no qual a revelação é dependente das condições individuais.

Os/as autores/as deste modelo observaram, porém, que a revelação dos sujeitos *gays* e lésbicas acerca da sua orientação sexual, para si e para os/as outros/as, tem um papel crucial na concretização de uma identidade positiva, podendo ser o resultado do apoio percebido nos seus contextos sociais. É neste sentido que enfatizam a importância do apoio percebido, que está intimamente relacionado com uma positiva adaptação psicológica.

Capítulo II - Estudo Empírico

1. Objetivo do Estudo

São objetivos do presente estudo: 1) Percepção da experiência e da vivência acerca da identidade sexual, relativas a sujeitos de duas gerações identificados de acordo com as ditas “sexualidades minoritárias”, estabelecendo uma análise comparativa destas experiências; 2) Compreender e analisar a percepção destes sujeitos face às vivências e experiências da identidade sexual nas diferentes gerações; 3) Analisar em que medida estes sujeitos experienciam e ou experienciaram a existência dos movimentos associativos LGBT e de que forma estes contribuíram ou não no percurso de vida destas identidades.

2. Metodologia

2.1 Participantes

Tendo o presente estudo como principal objetivo abordar as vivências de duas diferentes gerações, relativas a jovens adultos/as com idades compreendidas entre os 18 e os 25 anos (aqui considerados/as como a “geração mais nova”) e indivíduos com idades acima dos 50 anos (geração “mais velha”), pretendeu-se também diversificar as características destes/as participantes em função do sexo, nacionalidade portuguesa, da auto identificação de acordo com as orientações não-heterossexuais, e sem experiências de participação em associações LGBT. Quando os dados obtidos atingiram a saturação teórica, ou seja, começaram a apresentar uma certa repetição para resposta aos objetivos de estudo, compreendendo-se que estes tornar-se-iam suficientes para uma reflexão teórica devidamente fundamentada (Fontanella, Ricas & Turato, 2008), procedeu-se à finalização de recolha de dados e de recrutamento de participantes. Reconhece-se, no entanto, o interesse para o estudo a possibilidade de recrutamento de mais pessoas de sexo feminino de modo a enriquecer os dados discursos produzidos por mulheres e o melhor equilíbrio da amostra. Acredita-se que a pressão exercida pela cultura e pela mentalidade socialmente dominante, que exclui e estigmatiza as mulheres e as orientações sexuais não-normativas

(Almeida, 2010), poderá justificar a dificuldade que encontramos no recrutamento de pessoas do sexo feminino e sujeitos mais velhos. A acrescentar, acreditamos que a conjuntura política de uma ditadura que se viveu em Portugal e que, mesmo na construção de uma sociedade democrática, ainda vive atualmente, continua muito marcada por esse regime autoritário.

O estudo contou com a participação de um total de 10 pessoas, do qual seis são pertencentes a uma geração mais nova e quatro a uma geração anterior. Dos sujeitos mais novos, com idades compreendidas entre os 21 e os 25 anos de idade, três são do sexo masculino, auto identificados como “homossexual”, sendo as restantes mulheres, auto identificadas como “pessoa”, “lésbica” e “sem identificação”. Relativamente à geração anterior, com idades entre os 50 e os 59 anos de idade, três dos/as participantes são do sexo masculino e são auto identificados como “pansexual” e os restantes dois como “gay”. A única sujeita mulher da geração anterior auto identifica-se enquanto “homossexual”. Por razões de confidencialidade não são referidos dados sóciodemográficos que possam identificar as/os participantes. Ao longo do estudo serão, assim, utilizados códigos⁵ em substituição dos seus nomes verídicos. De forma a preservar a confidencialidade das/os participantes são apenas apresentados algumas das questões referentes ao questionário sóciodemográfico (cf. Anexo 1). Considerou-se imperativo permitir às/aos participantes auto identificar⁶ as suas orientações sexuais/sexualidades da forma como melhor entenderem. Deste modo, ainda que sejam integres sujeitos identificados como “pansexual”, “pessoa”, “sem identificação”, todos eles partilham experiências com pessoas do mesmo sexo e com percursos semelhantes às fases referidas no modelo acima mencionado, tendo, ainda, todos estes sujeitos partilhado que em determinados momentos de suas vidas se identificaram com as orientações *gay*, lésbicas e bissexuais.

5 Nos discursos ilustrativos dos sujeitos participantes, o código GN reporta-se a uma “geração nova” e o GA a uma “geração anterior”. Seguidamente, é apresentado o número da entrevista, o sexo e a idade correspondente.

6 Independentemente de as/os participantes se auto identificarem de diferentes formas, foram consideradas/os no estudo por terem encontrado sentido no pedido para essa participação, onde era claro que se pretendia escutar experiências de sujeitos LGBT, quer ao longo das entrevistas realizadas (cujo guião foi elaborado, como se disse, para licitação de discursos em torno de questões LGBT), quer pelo sentido que as próprias pessoas encontravam na finalização destas entrevistas.

2.2 Procedimento

O contacto com os participantes do presente estudo para a recolha de dados, efetua-se através da técnica de *snowball*, estabelecida por meios pessoais e virtuais. A todos os sujeitos que participaram foi cedido no início da entrevista uma “Declaração de Consentimento Informado” (cf. Anexo 2) e uma ficha informativa relativa ao “Compromisso de Confidencialidade dos Dados de Investigação” (cf. Anexo 3), de forma a assegurar as questões do anonimato e da confidencialidade, existindo, ainda, a possibilidade para qualquer esclarecimento de dúvidas antes de ser iniciada a entrevista. Foi reiterado às/aos participantes que a presente investigação é totalmente confidencial e cuja finalidade é apenas para fins científicos. Teve-se em consideração o cuidado de serem os/as entrevistados/as a escolher o local de realização das entrevistas de modo a que estes/as se sentissem mais confortáveis para a condução positiva da mesma, desde que tivessem asseguradas as devidas condições de acústica e a sua preservação do anonimato, sem quaisquer tipo de interferência do próprio ambiente. No entanto, uma grande percentagem das entrevistas decorrem na Faculdade de Psicologia da Universidade do Porto sendo as restantes estabelecidas em cafés ou até mesmo no local de habitação do/a entrevistado/a, de acordo com a preferência que cada um/a apresentava.

2.3 Instrumento e método de análise de dados

O estudo foi realizado por meio de uma entrevista⁷ (cf. Anexo 4), construída com base nos objetivos de estudo e de acordo com o modelo de identidade sexual supra mencionado. Após a sua realização, pedia-se aos sujeitos para organizar cada item (cf. Anexo 5), correspondente a cada fase do modelo, de acordo com as questões colocadas pelo investigador (cf. Anexo 6). Pretendia-se, portanto, explorar junto dos sujeitos alguns dos itens que caracterizam cada um das fases referidas do modelo, de modo a compreender se este tem ainda atualmente sentido para estes/as participantes e se o conteúdo dos seus discursos são congruentes com os itens selecionados. No final da entrevista foi ainda

⁷ Importa salvaguardar que uma percentagem das entrevistas que constituem o presente estudo foi realizada antes da aprovação da lei da adoção por pessoas do mesmo sexo.

entregue um questionário sociodemográfico, preenchido pelo/a próprio/a entrevistado/a (cf. Anexo 7). Os pressupostos do guião ressaltam, assim, uma estrutura subdividida em temas para os objetivos do estudo, seguindo uma lógica que permitiu aos sujeitos estabelecerem uma auto reflexão acerca dos processos evolutivos relativos à percepção das suas orientações sexuais e formas integradas das vivências com base nas suas identidades. Assim, para a análise do material resultante de investigação recorreu-se à análise temática (Braun & Clarke, 2006, 2013). Este método permitiu identificar, explorar e analisar padrões dentro dos dados, nomeadamente os discursos que os sujeitos partilham e os seus respetivos significados (Braun & Clarke, 2006), partindo-se, portanto, de uma perspetiva construcionista social, focalizada nos processos sociais e na relação indissociável destes processos com os trajectos individuais em análise. A entrevista semiestruturada foi o método escolhido para a sua recolha pois oferece uma abordagem mais flexível e dinâmica, permitindo que através de uma maior liberdade teórica se vá ao encontro dos contextos e interesses das/os participantes (Braun & Clarke, 2006, 2013). Por fim, após percorrer por um conjunto de etapas de codificação e agrupamento de toda a informação relevante para a investigação, passou-se à análise dos dados.

É ao problematizar o papel dos sujeitos e das orientações sexuais não-heterossexuais, com enfoque na atração emocional e sexual por pessoas do mesmo sexo, designada como desviante da norma e, enquanto doença da homossexualidade (Almeida, 2010), que ao longo deste trabalho, por razões de perspetiva histórica e social, procura-se abordar as pessoas cuja atração (também) é por outras pessoas do mesmo sexo, sem utilizar expressões relativas à(s) palavra(s) *homossexual(idade)*, tendo, ainda, o cuidado de não reproduzir o viés androcêntrico como os modelos teóricos revelam (e.g. McCarn & Fassinger, 1996).

3. Análise e Discussão dos Resultados

De seguida será apresentado o mapa temático da análise (cf. Figura 1), representado pelos temas e subtemas/códigos que emergiram dos dados. Posteriormente, os temas (representados como títulos) e os subtemas/códigos (como subtítulos) serão apresentados com os respetivos extratos mais ilustrativos (em modo itálico), que serão interpretados e sustentados teoricamente.

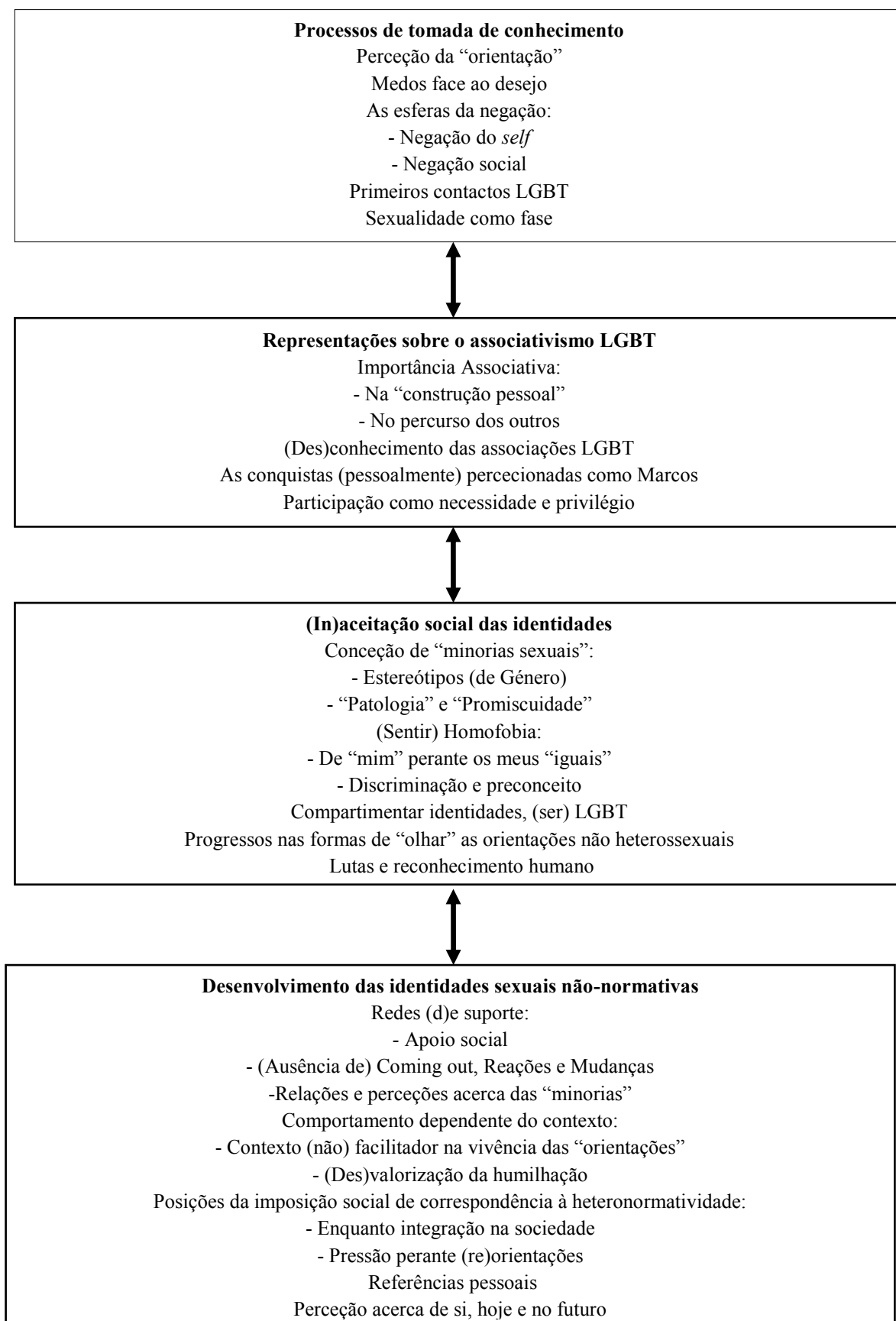


Figura 1. Mapa temático da análise

3.1. Processos de tomada de conhecimento

3.1.1. Percepção da “orientação”

Na tomada de consciência da orientação sexual encontramos semelhanças entre os sujeitos das duas gerações, pois ambos indicam que a forma como as orientações sexuais são percebidas em nada se relaciona com a realidade existente em cada uma das épocas geracionais.

“Eu até aos 15 anos sempre achei que era heterossexual, pelo menos gostava sempre muito de rapazes e nunca tinha ponderado outra coisa. A partir dos 15 anos foi quando eu comecei a reparar que também tenho algum tipo de atração por raparigas.” GN6, SF, 23a

“Eu tive logo cerca dos 14 anos uma aproximação a uma colega de turma que depois mais tarde se veio a tornar o primeiro grande amor da minha vida e com quem eu vivi 17 anos.” GA4, SF, 57a

O que se diferencia, portanto, é o modo como os sujeitos vão lidando com a sua sexualidade, bem como a sua capacidade de resiliência, que vai permitir ao sujeito adaptar-se e superar os efeitos negativos vivenciados num contexto heterossexista (Fergus & Zimmerman, 2005; Savin-Williams, 2009). Contudo, o próprio contexto onde se inserem terá uma grande influência na maior ou menor internalização da sua identidade sexual. De acordo com o que advogam os sujeitos no presente estudo, ambas as gerações integraram positivamente as suas orientações sexuais, após um período de negação (como se verá mais adiante no subtema “As esferas da negação”), divergindo, assim, do que seria esperado relativamente aos sujeitos de uma geração anterior.

“É como lhe disse eu estou muito bem com a minha sexualidade desde o início. Inicialmente até me achei especial e durante muito tempo achei-me muito completo por ser bissexual. Até especial, completo, mais que os outros, uma coisa se calhar até exagerada. Eu acho que estive bem com a minha sexualidade.” GA3, SM, 50a

Contudo, é evidente a influência do regime ditatorial existente no decorrer do percurso dos sujeitos mais velhos, numa época onde a opressão e a estigmatização eram fatores muito presentes (Almeida, 2010) e que comprometeram, de alguma forma, o modo como vivenciariam as suas orientações sexuais. Esta é uma perspetiva partilhada mesmo

por sujeitos mais novos, que indicam ter consciência quanto à dificuldade de indivíduos de uma geração mais velha sentirem esta repressão social, dificultando, por isso, a sua aceitação e/ou a vivência plena da sexualidade.

“(...) deve ser muito doloroso o processo, se na minha altura foi e se agora os rapazinhos com 15 anos e por aí fora têm uma postura completamente diferente da nossa na altura, e mesmo assim é complicado, eu imagino há 30 ou 40 ou 50 anos atrás. Não sei, é muito estranho.” GN7, SM, 25a

Compreende-se, no entanto, que aquilo que os distingue em termos de percurso é o modo como cada um destes sujeitos se posiciona nos contextos em que se inserem. Isto é, se vão (ou não) ao encontro da norma social ou se se mantêm à margem desta, independentemente da sua época geracional. Assim, no que diz respeito ao percurso de desenvolvimento e de descoberta da orientação sexual não existem diferenças a nível geracional, e nem sempre a aceitação da sua sexualidade envolve(u) reações emocionais negativas intensas (Savin Williams, 2009).

3.1.2. Medos face ao desejo

Verificou-se que nos caminhos para a aceitação emergem medos face aos primeiros desejos, tal como McCarn e Fassinger (1996) e Fassinger e Miller (1996) descrevem. Medos estes que se analisam quando os sujeitos verbalizam, na fase consciência, que a perceção por parte dos sujeitos como sexualmente “diferentes”, e enquanto sujeitos ao heterossexismo e à homofobia, promove estados de questionamento e medo, corroborando a perspetiva partilhada pelas/os participantes do presente estudo. Estes referem, de facto, a existência, ainda que numa fase inicial, de inquietações no processo de tomada de consciência acerca das suas orientações sexuais, interpretada pelo seu desconhecimento inicial.

“Sinceramente aquilo só me perturbou no início, ou seja, eu no início achei que aquilo era muito estranho, que se devia estar a passar alguma coisa comigo.” GA3, SM, 50a

“E pronto, embora tivesse um bocadinho assustada depois acabei por me conformar e deixar ver no que vai dar.” GN10, SF, 23a

Assim, como defendem os/as autores/as do modelo a que recorreremos, o conhecimento de uma realidade que se pensa ser exclusivamente heterossexual vai permitir que os sujeitos nos primeiros sentimentos e desejos sintam este “desvio à norma” e se comecem a identificar com outros sujeitos “iguais”. Ainda, e indo uma vez mais ao encontro do modelo já referido, na fase de aprofundamento/compromisso, onde a pessoa se reconhece enquanto não-heterossexual, os sujeitos apresentam entusiasmo e orgulho pela pertença à comunidade LGBT, sentindo, portanto, esta necessidade de partilha com os/as outros/as da sua orientação sexual como forma demonstrativa destes dois fatores. Esta é uma postura que, novamente, é independente da geração e os excertos a seguir referenciados são representativos desta realidade.

“Com 18 anos tive a minha experiência com uma rapariga e foi “Uau isto é incrível” e então andava sempre muito crente, e dizia a toda a gente que era bissexual.” GN6, SF, 23a

“No início sentia mesmo necessidade de revelação, como se tivesse descoberto a coisa mais fantástica do mundo e a quisesse partilhar com toda a gente.” GA3, SM, 50a

3.1.3. As esferas da negação

3.1.3.1 Negação do self

O processo de negação da identidade sexual parece ser muito comum nos sujeitos com identidades sexuais que não correspondam à norma social, evitando, num período pautado por sentimentos e desejos por pessoas do mesmo sexo, o estabelecimento de uma conceção solidificada de si enquanto não-heterossexual (D’Augelli et al., 2001b). Esta é uma fase caracterizada por um questionamento da própria identidade como sendo *gay* ou *lésbica*, não estando ainda definida uma orientação sexual.

“Mesmo assim ainda ponderei a hipótese, depois de estar com ela, de realmente ser bissexual ou coisa do género.” GN10, SF, 23a

“(...) à prática não tinha a certeza porque eu tinha aquela paranóia na minha cabeça, só depois de experimentar é que eu tenho a certeza “eu gosto disto”. GA3, SM, 50a

De acordo com uma sociedade (ainda) sentida pelo peso da heteronormatividade, os sujeitos mais novos, numa fase inicial, verbalizam a procura de mecanismos, relativos à repressão destes desejos ou à procura de relações com pessoas de outro sexo, tudo de forma a conseguir corresponder à norma, passando, assim, por um período de negação do *self* (Costa, Oliveira, Nogueira, 2010).

3.1.3.2 Negação Social

De acordo com o subtema anterior, esta negação também se caracteriza para com o exterior, isto é, perante um contexto heterossexista. Os indivíduos parecem sentir a necessidade de correspondência às conceções sociais enquanto fator facilitador para a integração social e para fuga ao preconceito, mesmo já tendo reconhecido os seus sentimentos e desejos por pessoas do mesmo sexo. Esta negação aos/às outros/as funciona não só como uma necessidade de correspondência à norma, como referido, mas também como uma forma de proteção social, na medida em que uma percentagem significativa destes sujeitos refere sentir receios quanto às situações que possam ser vítimas perante a exposição social das suas orientações sexuais. Curiosamente, são os sujeitos mais novos que mais evidenciam estas problemáticas, sendo o excerto a seguir apresentado bastante ilustrativo desta realidade.

“Eu no início, no ciclo, eu forçava-me a ir para o intervalo e jogar futebol porque era, de certa forma, para desviar as atenções.” GN7, SM, 25a

Contudo, embora os sujeitos mais velhos não relatem em evidência este tipo de realidade, os próprios sujeitos mais novos perspetivam que esta poderá ter sido uma postura já anteriormente vivida numa geração anterior.

“Se ainda nós no início, quando começa a surgir a descoberta, se é um bocadinho camuflado, as coisas são às escondidas porque temos de esconder dos pais, dos amigos, não imagino há 25 anos atrás, eu não me estava a ver”. GN7, SM, 25a

Constata-se, uma vez mais, a inexistência de diferenças geracionais neste processo de tomada de consciência, onde a procura, numa fase inicial, de correspondência à norma, nada se relaciona com a época geracional, mas sim, segundo os discursos, com o próprio posicionamento do sujeito. Detetamos, contudo, referências a sentimentos de isolamento e incompreensão, bem como atitudes e comportamentos de camuflagem e de vida dupla, em determinados momentos das vidas destes sujeitos, causados, em grande parte, pela ausência de modelos positivos e encorajantes para a plena aceitação da sua identidade sexual e social (Carneiro & Menezes, 2004), ao mesmo tempo que promovidos pela compulsória adesão à heteronormatividade.

3.1.4. Primeiros contactos LGBT

De acordo com McCarn e Fassinger (1996) e Fassinger e Miller (1996), o conhecimento e o contacto com outras realidades LG permite o conhecimento de uma realidade não exclusivamente heterossexual e a identificação (ou não) com estes sujeitos. No presente estudo, ambas as gerações verbalizam o conhecimento de outros “semelhantes” como um fator crucial para a internalização e maior aceitação das suas orientações, funcionando estes como modelos de identificação e de pertença a um grupo que lhe corresponde.

“Acho que o que mudou de facto a minha perceção foi quando conheci uma pessoa, homem, no qual me consegui envolver e comecei a acreditar que de facto era possível haver essa ligação emocional.” GNI, SM, 24a

“Eu lembro-me que na altura em 1987 eu fui para uma formação (...) aquilo como estava ligado ao teatro eu conheci logo dois rapazes que eram homossexuais e comecei a ouvir que existiam bares gays ali no Porto, e aquilo era outro mundo, bares gays em 1987 (...) Eu quando conheço o ambiente gay em 1987, quando conheço verdadeiramente o mundo gay, fico fascinado.” GA3, SM, 50a

De facto, neste processo, as interações dos sujeitos LGBT passam a ser quase que exclusivamente com outros/as da sua comunidade (McCarn & Fassinger, 1996; Fassinger & Miller, 1996), constatando-se, pelos discursos, que após auto aceitação integral do seu desejo por pessoas do mesmo sexo esta passa a ser indiferenciada. No entanto, as relações

e interações do próprio com outros/as será abordado com maior profundidade mais adiante (cf. código “Relações e percepções acerca das “minorias””)

3.1.5. Sexualidade como fase

Os sujeitos deste estudo vão auto identificando de diferentes formas a sua identidade sexual ao longo da sua vida, sendo a percepção acerca de si flexível, no modo “ser-se” e “sentir-se”. Ou seja, o sentido identitário toma um percurso complexo para o sujeito, no qual a única evidência que o constitui é a segurança de relacionar-se e gostar(-se) de e com outros “iguais”.

“(...) eu fui um bissexual predominante homo até ao ano 2000 e a partir do ano 2000 eu passei a ser um bissexual predominante hétero. Foi algo que surgiu naturalmente na minha vida, e eu não fiz nada por isso.” GA3, SM, 50a

“Atualmente, não sei muito bem o que sou, nem acho que tenha de rotular de qualquer forma.” GN6, SF, 23a

De acordo com os relatos das/os participantes é evidente o processo subjetivo do que é não ser-se heterossexual e que o modo com cada pessoa sente a sua sexualidade nada se relaciona com o tempo em que esta é vivida e ou (não) é socialmente aceite. Assim, se por um lado existem pessoas que adotam identidades LGBT, auto identificando-se com elas, por outro, existem outras nas quais, mesmo aceitando a sua sexualidade, recusam a existência de algum tipo de “categorização”, talvez por acreditarem que a sua sexualidade é mais fluida do que os próprios modelos de identidade sexual permitem, tal como sublinha Savin-Williams (2009).

3.2. Representações sobre o associativismo LGBT

3.2.1. Importância Associativa

3.2.1.1 Na “construção pessoal”

Ao contrário do que emerge com os sujeitos de geração atual, três dos sujeitos entrevistados/as e pertencentes à geração anterior revelam sentir os contributos dos movimentos associativos ao longo do seu percurso identitário, evidenciando, ainda, a relevância e necessidade contínua da sua existência (GA3, SM, 50a; GA4, SF, 57a; GA5, SM, 59a).

“Ai! [os movimentos associativos LGBT] tiveram muita importância. Mesmo perante a sociedade para dizer que estamos presentes (...) foi muito importante para abalar um bocadinho, mexer um bocadinho com a sociedade.” GA5, SM, 59a

Esta postura parece estar relacionada ao facto dos sujeitos de uma geração anterior, ao longo do seu percurso de vida, não terem tantos modelos de identificação social, desenvolvendo a sua identidade sexual numa época em que estes movimentos em Portugal eram inexistentes (Cascais, 2006; Almeida, 2010), existindo, no entanto, mesmo nesta altura, contextos que permitiam o contacto entre indivíduos pertencentes à comunidade LGBT.

“É assim, eu vou dar-te um exemplo, antes de casar, anos 80 essas lutas não existiam. Lembro-me que só havia dois bares gays onde nós nos “refugiava-mos”, onde tínhamos as nossas conversas, os nossos contactos. Porque lutas LGBT nem pensar, nem havia nenhuma.” GA5, SM, 59a

Desta forma, quando estes movimentos começam a emergir, em meados do ano de 1990, tornam-se relevantes no surgimento de uma menor inquietação relativa à identidade sexual destes indivíduos, uma vez que vêm nestes movimentos formas de reconhecimento identitário, bem como a possibilidade de sustentar maior espírito de liberdade e de alterações comportamentais ou atitudinais (Cascais, 2006) compreendendo-se, desta forma, esta sobrevalorização para estes sujeitos.

3.2.1.2 No percurso dos outros

Por seu turno, embora o número total das/os entrevistadas/os da geração atual refira não ter sentido diretamente os contributos associativos na perceção da sua identidade sexual e/ ou na forma como esta foi “aceite”, defendendo a sua construção como um processo que lhes foi individual, evidenciam a importância da existência destas

associações/ destes movimentos, sobretudo numa época em que as orientações não-heterossexuais eram alvo de maior discriminação.

“Acho que foi importante principalmente para eles [sujeitos mais velhos] terem existido [movimentos associativos LGBT], porque para eles ainda mais importante era verem realmente que existiam outras pessoas como eles, numa sociedade que era tudo da mesma forma. E a nível social muito provavelmente começou por eles.” GN10, SF, 23a

Neste sentido, embora se tratando de movimentos cujos sujeitos referem não ter trazido um impacto significativo no processo de “aceitação” das suas identidades sexuais, consideram fundamental a sua existência para a igualdade de direitos e de reconhecimento do humano para aqueles/as que se encontram no processo de “construção” de identidade. Assim, a análise dos discursos revela que, estes movimentos, ainda que não sejam claramente modelos que mudam mentalidades, estavam já muito presentes e contribuíram para a melhor aceitação da identidade sexual dos indivíduos.

“E também acho que é importante [a emergência do associativismo] a nível social, porque já temos obtido alguns ganhos a nível do casamento e ao nível da adoção que eu acho que nunca teriam sido conseguidos se cada um de nós tivesse a lutar individualmente. Eu acho que foram eles que tiveram um papel muito importante a esse nível”. GN10, SF, 23a

3.2.2. (Des)conhecimento das associações LGBT

Existe uma grande lacuna no conhecimento dos/as entrevistados/as quando se fala em associações LGBT, algo que os/as mesmos/as entrevistados justificam, de uma maneira geral, pela falta de visibilidade que estas associações têm tido nos últimos anos. O único sujeito pertencente a uma geração mais nova (GN8, SF, 24a), que refere ter tido contacto mais de perto pela sua participação em pequenas reuniões e marchas na zona do Norte, salienta a ideia que por vezes estes são movimentos muito segregados entre si, não permitindo que outras realidades sintam a sua importância. Esta é também uma perspetiva partilhada por um sujeito da geração anterior (GA5, SM, 59a).

De facto, esta postura pode justificar o demonstrado pelas/os restantes participantes da geração mais nova, ao apresentarem ideias muito vagas acerca das abordagens e atividades destas associações bem como as suas formas de lutar e de (se) afirmarem.

As marchas LGBT que surgem para contestação ao estigma e para a celebração da diversidade humana (Santos, 2005) são o principal ponto de conhecimento de seis destes sujeitos, pela força da sua visibilidade dos *mass media*. No entanto, existe uma incoerência de perspetivas quanto à necessidade de estas associações continuarem a existir.

São hipérboles, são exageradas, que é para a sociedade perceber que nós estamos aqui, “eu sou assim e eu faço o que eu quero!” (...) Só que claro que isso é um pau de dois bicos, as pessoas vêm e podem aceitar e depois vêm, não gostam, e acabam por generalizar.” GN7, SM, 25a

Este tipo de discurso é semelhante a alguns dos/as outros/as participantes do estudo, onde, muitas/os delas/os, sente que esta posição das marchas *gay* humilham e nada representam a comunidade LGBT, entendendo-se esta posição como fator de preconceito dentro da própria comunidade. Estes tipos de discursos são representativos de como ainda se vive numa sociedade muito enraizada pela heteronormatividade, no qual os próprios sujeitos LGBT procuram a integração social através da correspondência à norma, rejeitando, portanto, tudo que não se adapte a ela. A ILGA e a *rede ex aequo* são as associações referidas quase na totalidade como sendo do conhecimento dos sujeitos, dada a sua visibilidade social. Contudo, são os sujeitos mais velhos que apresentam maior conhecimento acerca das suas funções, indo, novamente, ao encontro da importância e do impacto que a emergência destas associações trouxe às populações da geração anterior, na maior aceitação das suas orientações sexuais (Santos, 2005; Cascais, 2006; Almeida, 2010).

3.2.3. As conquistas (pessoalmente) percecionadas como Marcos

Ainda que de forma muito subtil, os sujeitos tenham referido um diversificado número de conquistas e os respetivos desenvolvimentos que se vêm a sentir no contexto português, oito das/os entrevistadas/os das duas gerações, estabelece maior referência às questões do casamento e da adoção (e.g. GA4, SF, 57a; GN8, SF, 24a). De facto, após

implementação da lei do casamento os/as participantes revelam repercussões nas atitudes e comportamentos da sociedade, percecionando que esta permitiu uma maior integração dos sujeitos LGBT. Este posicionamento não vai ao encontro do que seria esperado dos participantes de uma geração anterior, dado que ao longo dos seus percursos de perceção da orientação sexual as questões relativas à epidemia da SIDA eram muito vigentes (Cascais, 1996; Almeida, 2010), esperando-se que, efetivamente, os sujeitos destas gerações se centrassem nesta realidade, pelo seu efetivo impacto social. Importa ainda mencionar que foram os sujeitos mais novos que referenciaram o facto de as orientações não-heterossexuais terem deixado de ser reconhecidas enquanto “doença” (e.g. GN6, SF, 23a; GN9, SM, 21a), compreendendo a importância destas questões para estes sujeitos, no sentido em que são ideologias que trazem uma maior segurança para a aceitabilidade social.

3.2.4. Participação como necessidade e privilégio

É com grande ênfase que os indivíduos da geração anterior salientam a importância do associativismo no seu percurso, os esforços desempenhados pelo mesmo e ainda a sua respetiva participação em alguns eventos associativos enquanto fator de proteção perante a opressão e repressão sentidas.

“(...) mais tarde quando conheci pessoas como eu, quando fui por exemplo ao meu primeiro acampamento com cento e tal mulheres de todos os países, em que elas andavam abraçadas, onde se discutiam temas, aquilo foi um abrir de um horizonte, “Afim de contas há mais mundo” (...).” GA4, SF, 57a

Este envolvimento, que permite o contacto com outras/os da sua comunidade, vai permitir aos sujeitos desenvolverem uma maior (auto)aceitação das suas identidades e a consequente integração plena de si enquanto pertencente a um mundo não exclusivamente heterossexual (McCarn & Fassinger;1996; Fassinger & Miller, 1996).

3.3. (In)aceitação social das identidades

3.3.1. Conceção de “minorias sexuais”

3.3.1.1 Estereótipos (de Género)

Um dos aspetos evidenciados pelos/as participantes na presente investigação diz respeito às crenças sociais relativas aos papéis de género. O único sujeito mais velho participante diz que numa relação heterossexual o “papel” que a mulher tem de desempenhar, segundo a norma social, compromete a sua aceitação e tolerância num envolvimento afetivo com pessoas de outro sexo.

“E numa relação heterossexual a mulher continua a ser espezinhada, explorada, continua a ser desrespeitada. E numa relação homossexual acho que há mais igualdade. Não quero estar a ser preconceituosa mas a minha vivência, a minha experiência, com as relações que tive com homens, os papéis não se enquadravam nada comigo.” GA4, SF, 57a

Entende-se que, tal como advoga, o modo como a organização social tem vindo a diferenciar homens e mulheres, através de normas e condutas sobre o que é “ser-se” homem e o que é “ser-se” mulher condiciona as esferas de poder, quer na conjugalidade quer noutros contextos sociais (Nogueira & Saavedra, 2007), concebendo-se estas atitudes como formas silenciadoras de preconceito e discriminação. A atribuição de papéis inalteráveis àquilo que representa um homem e uma mulher está ainda atualmente muito presente, segundo o discurso dos sujeitos entrevistados. As/os participantes parecem considerar que existe uma estagnação relativamente à visão geral da sociedade quanto ao papel e à conceção do que é “ser-se” mulher, na medida em que, embora acreditem em evoluções, a visão ainda é, no entanto, ilusoriamente estereotipada.

“E eu acho que a sexualidade das mulheres está muito no armário, por exemplo (...) A sexualidade da mulher foi sempre muito reprimida, muito reprimida a sexualidade da mulher. E isto é um problema educacional.” GA3, SM, 50a

“Na minha família mais alargada, ainda sinto muito isso. É suposto ser a mulher. Não é a mulher, é a esposa e a mãe. E mesmo elas não se vêm como mulheres, não

se vêm como pessoas com necessidades pessoais. É tudo sempre em função do marido e dos filhos (...) É a esposa e a mãe.” GN10, SF, 23a

3.3.1.2 “Patologia” e “Promiscuidade”

A associação da atração por pessoas do mesmo sexo à promiscuidade foi um dos aspetos mais revelados pelos sujeitos mais velhos como estando relacionada com as crenças sociais. As representações de que a comunidade LGBT é uma população hipersexualizada comprometem, na perspetivas das/os entrevistadas/os, a aceitação social, tratando-se, portanto, de uma sociedade também erotofóbica.

“Nós vivíamos numa casa, não saíamos com homens, portanto as pessoas e os vizinhos sabiam muito bem. Aliás, eles até pensavam que nós éramos prostitutas. A ignorância destas pessoas (...) como eram duas mulheres que viviam juntas só podiam ser prostitutas.” GA4, SF, 57a

Não obstante, ainda atualmente existe a crença social de que sujeitos LGBT têm tendencialmente maiores comportamentos de promiscuidade, o que, por vezes, compromete os próprios relacionamentos sociais desses mesmos sujeitos.

“Eu, por exemplo, para lidar com amigas às vezes sinto-me um bocado limitada porque se elas souberem que eu gosto de raparigas, se calhar se eu lhes tocar num certo sítio, vão interpretar isso de uma maneira e não tem nada a ver.” GN8, SF, 24a

Uma percentagem de quatro entrevistadas/os refere, também, a associação das orientações não-heterossexuais como uma patologia, sobretudo no pós-salazarismo, já que, como já foi referido, a crença destas orientações enquanto doença só passa a ser descriminalizada nos inícios do ano de 1980 (Ferreira & Silva, 2011), marcando, portanto, muito os percursos de desenvolvimento dos/as entrevistados/as.

“O ser gay e o ser lésbica não é nenhuma doença como no meu tempo faziam acreditar que era uma doença e “Tens que ir para o psiquiatra para ver se mudas!”. Hoje em dia não, hoje em dia aceita-se muito bem.” GA5, SM, 59a

Segundo Moita (2001), em época de ditadura os comportamentos considerados desviantes diferenciavam-se consoante o estrato social. O comportamento dos indivíduos pertencentes às classes sociais mais altas era considerado inato, não ofensivo. Numa classe mais desfavorecida, do ponto de vista social e cultural, os comportamentos desviantes eram percebidos como defeito moral. Postura esta que vai ao encontro de uma perspetiva de um sujeito participante:

“Historicamente sabemos que no período do Estado Novo, as pessoas que hoje têm 50/60 anos viveram nessa altura, nos sabemos que ao nível da elite em termos sociais haviam coisas que eram escondidas e toleradas.” GNI, SM, 24a

3.3.2. (Sentir) Homofobia

3.3.2.1 De “mim” perante os meus “iguais”

Um dos aspetos mais percebidos no contexto de entrevista diz respeito à forma como são estabelecidos os posicionamentos dos sujeitos perante outros/as das suas comunidades, onde se evidenciam, ainda que de formas menos “direta”, atitudes de homofobia perante os seus “iguais”.

“Há uma coisa que eu acho piada que por ter estado em meios muito masculinos, fora de casa, justamente por isso e pelo contexto da minha vida, tenho um passatempo que é mal visto, que é eu adorar fazer piadas homofóbicas (risos).” GNI, SM, 24a

“É como lhe digo, há gays e gays. Há pessoas e pessoas. É como ao bocado lhe estava a dizer, há gays que vão pela rua fora e parecem umas andorinhas (...) eu não gosto nada, mas pronto.” GA2, SM, 50a

Estamos na presença de mecanismos de reprodução da homofobia, pela qual a identidade sexual e social plena dos sujeitos vai estar comprometida, numa sociedade que discrimina a quem a ela deveria pertencer sem constrangimentos. Estas atitudes podem impulsionar aos sujeitos estados de maior isolamento social e ou determinados comportamentos desadaptativos (D’Augelli & Grossman, 2001).

3.3.2.2 Discriminação e preconceito

Os sujeitos mais velhos são quem advogam níveis mais elevados de discriminação ao longo do seu percurso de identidade, pautado pela inaceitação social vigente relativamente à existência destas identidades.

“Há uns anos atrás, se alguém desconfiasse, a pessoa era logo mal tratada, até na própria rua éramos logo apontados à força toda.” GA2, SM, 50a

“E alguma coisa mais se passava, tocavam-nos às campainhas à noite... portanto, todas essas coisas desrespeitosas que nos faziam por vezes sentir mal (...) A homofobia existe e existia muito mais.” GA4, SF, 57a

Embora os sujeitos de geração mais nova revelem sentir pouco (ou até mesmo nenhuma) atitudes de discriminação, compreende-se, no entanto, que estas são representadas de forma silenciadora (Carneiro & Menezes, 2004).

“(...) e então eu forçava-me a determinados comportamentos para, digamos, desviar a atenção e se calhar confundir as pessoas.” GN7, SM, 25a

Isto indica que por vezes os sujeitos se vêem na obrigatoriedade de se adaptarem à norma heterossexual e, na intencionalidade de pertencer a essa norma, estabelecem os seus comportamentos como forma de corresponder e ser aceite, não percecionando que estas atitudes de inaceitação social, funcionam como uma forma de preconceito e discriminação perante as suas identidades não-heterossexuais. Estas atitudes de rejeição e opressão das suas identidades, que levam os sujeitos a omitir, invisibilizar, negar a(s) sua(s) identidade(s) são, no nosso entender, uma forma silenciadora de sentir homofobia (Carneiro e Menezes, 2004).

3.3.3. Compartimentar identidades, (ser) LGBT

Parece predominar uma visão compartimentada relativamente às orientações LGBT. Cada uma destas orientações é percecionada como “diferente” na medida em que os sujeitos acreditam que é distinta a posição que cada uma destas “categorias” ocupa socialmente. O número total de entrevistados/as verbaliza que os indivíduos

transgêneros/transexuais têm uma maior dificuldade na integração da sociedade dada a maior inaceitação e incompreensão, derivadas do desconhecimento social. Segundo referem, por vezes são até descredibilizados/as na forma como a sociedade os/as percebe. Desvaloriza-se a sua existência. Relativamente às orientações bissexuais, por vezes são as próprias comunidades LG que descredibilizam e se colocam reticentes quanto à existência e veracidade da orientação sexual *bi*, uma vez que, regra geral, a sociedade considera um sujeito bissexual como um sujeito *gay* ou *lésbica* em fase de negação da sua sexualidade (Alarie & Gaudet, 2013). Por último, no que diz respeito a sujeitos *gays* e *lésbicas* as opiniões dos/as participantes são muito semelhantes. De facto, o número quase total das/os entrevistadas/os evidencia a existência de uma maior aceitação social perante duas *lésbicas* devido à conceção erótica relativa a duas mulheres. Desta forma, existe consonância quanto à perspectiva de que para dois homens é mais difícil a aceitação e a exposição social, podendo esta visão estar relacionada com o facto de se visualizar entre duas mulheres manifestações físicas de afeto em público, o que não acontece com dois homens dado os padrões hegemónicos da masculinidade. Esta é, efetivamente, uma perspectiva que vai ao encontro de vários estudos (e.g. D’Augelli e Grossman, 2001; Wright & Canetto, 2009; Doty et al., 2010) ao fazer referência que os homens têm tendência a experienciar maior homofobia internalizada. Contudo, como já referimos, no presente estudo, constata-se que as questões da maior ou menor aceitação estão relacionadas às questões do género e não tanto com base nas orientações sexuais. Importa referir, ainda, que também a este nível existem semelhanças de perspectivas em ambas as gerações.

“La está, existem diferenças entre alguém homossexual, um gay, que é visto como maneira diferente de uma lésbica, uma rapariga bissexual, e ainda mais com um transgénero. Existem diferentes maneiras de olhar para cada um destes géneros, sexualidades.” GN6, SF, 23a

3.3.4. Progressos na(s) forma(s) de “olhar” as orientações não heterossexuais

A visibilidade social enquanto promotora de maior aceitação perante a sociedade foi um dos aspetos mais referidos e que possibilitou a concordância dos sujeitos entrevistados. Efetivamente, a maior visibilidade social, enquanto promotora de

conhecimento acerca destas orientações sexuais, veio impulsionar, no ponto de vista das/os entrevistadas/os, o modo de aceitação da sociedade.

“As pessoas que são homossexuais e que abertamente se dispõem “Eu sou homossexual!”, sem problemas nenhuns nem tabus, faz com que os outros conheçam a existência de outras pequenas realidades e que as aceitem ao longo do tempo, por perceberem que realmente não é estranho como pensavam.” GN6, SF, 23a

A maior dificuldade de aceitação destas identidades em determinados contextos pode estar relacionada com a efetiva invisibilidade. Como se constatou, numa época em que não havia associativismo que inscrevesse na sociedade a existência destas realidades, as orientações sexuais eram mais descredibilizadas e estigmatizadas do que, de facto, se verifica atualmente.

“Na altura a ignorância era grande, não havia informação, não havia ativismo, não havia nada. Quando eu lhe falo em fins da década de 80 e inícios da década de 90, eu estou-lhe a falar numa época em que as pessoas não compreendiam o que é isso da homossexualidade.” GA3, SM, 50a

Os sujeitos mais novos têm vindo a reconhecer o impacto social que sujeitos de uma geração anterior trouxeram para o reconhecimento da sociedade. No entanto, apesar de sentida esta evolução, ainda hoje existe a necessidade de um maior conhecimento acerca do que significa “ser-se” e “sentir-se” LGBT.

“Porque lá está, se hoje nós temos alguma liberdade é graças às pessoas que não tiveram medo de dizer “Eu estou aqui, eu sou assim, os meus gostos são diferentes, mas são os gostos que são”. E levaram na pele não é? Mas foi uma época difícil com certeza, ainda hoje é difícil.” GN8, SF, 24a

3.3.5. Lutas e reconhecimento humano

No que diz respeito às formas de reconhecimento das comunidades LGBT é consensual a necessidade de esforços para o estabelecimento de igualdades ao nível das orientações sexuais e identidades de género. Assim, evidenciam os profissionais educativos

enquanto facilitadores do processo de aceitação e, até, como agentes de sensibilização perante estas realidades. A *rede ex aequo* e a Opus Gay têm preconizado, de diferentes formas, ações e programas de sensibilização nas escolas que vêm ao encontro destas conclusões (Colling, 2015).

“Há uma série de conceitos que é preciso ser aceite nas escolas, por professores, etc, que não são aceites e que é preciso serem aceites. Portanto acho que era preciso fazer essa desconstrução. E sobretudo essa desconstrução vai muito além das questões da orientação sexual. Tem muito a ver com estereótipos de género.”
GA3, SM, 50a

Relativamente ao reconhecimento de outras “minorias” que não sejam apenas “minorias sexuais”, foi notória a dificuldade de uma grande percentagem das/os participantes expor uma perspetiva convicta acerca destas realidades, demonstrando a necessidade de mais investigação que permita conhecer mais aprofundadamente a(s) sua(s) existência(s) (Nogueira & Oliveira, 2010).

“Não sei. Acho que em relação aos ciganos começa a haver um bocadinho a inclusão nas escolas e não sei, a verdade é que também não estou muito em contacto para ter uma opinião assim formada sobre essas coisas. Desculpa (risos)”. GN10, SF, 23a

De acordo com algumas perspetivas dos/as entrevistados/as as tomadas de decisão políticas colocam frequentemente os direitos civis em causa por serem atribuídos mais direitos a umas pessoas do que a outras, por referência às orientações sexuais ou relativamente a outras “minorias”, seguindo a linha de Colling (2015). Assim, para a plena cidadania das pessoas LGBT seria necessário, em termos gerais, implementar ações para a existência de um sentido de justiça e de igualdade em torno das minorias sexuais e de identidade de género, bem como em torno de outras “minorias”: implementação de políticas públicas nas escolas que promovam o respeito pelas diferenças das sexualidades e identidades de género.

3.4. Desenvolvimento das identidades sexuais não-normativas

3.4.1. Redes (d)e suporte

3.4.1.1. Apoio Social

No presente estudo foi notória a importância atribuída às redes de apoio, no qual a aceitação dos outros promove um sentido de maior satisfação e auto aceitação da identidade pessoal. O suporte social mostra-se, portanto, crucial perante uma sociedade que estigmatiza e discrimina as orientações “diferentes”, revelando-se importante para a vivência plena e genuína da sexualidade (Grossman et al., 2000), permitindo, assim, ao sujeito a criação de uma identidade sexual e social que lhe corresponda.

“(...) fizeram [amigos/as] perceber que eu não tinha porque ter medo ou que tinha porque estar a pé atrás com isso, ou porque tinha que me estar a esconder ou estar confuso em relação a isso” GN9, SM, 21a

Esta importância das redes de apoio mostra-se fundamental, sobretudo, para sujeitos mais velhos que viveram a sua identidade sexual num período de maior recriminação, pois irá permitir uma redução do impacto negativo da discriminação (Grossman et al., 2000; Doty et al., 2010).

“E como talvez tenha sido muito reprimido durante a minha fase, que eu acho que é a fase melhor, que é aos 30 e 40 anos, eu agora só quero é mais amizades gay e mais saídas com amigos.” GA5, SM, 59a

Os/as amigos/as pertencentes à sua comunidade são, portanto, encarados como especialmente relevantes na facilitação da integração e na vivência de uma identidade não heterossexual, tal como destaca Carneiro (2009).

3.4.1.2. (Ausência de) Coming out, Reações e Mudanças

Este estudo mostrou que a relação entre os pais/mães e os filhos/as tornam-se positivamente mais profundas quando têm o conhecimento das suas orientações sexuais (Heatherington & Lavner, 2008). Ao mesmo tempo verifica-se que há uma tendência para

os/as pais/mães considerarem perspectivas futuras dos filhos/as enquanto enviesadas, por não corresponderem à idealização de um futuro heterossexual (Costa et al., 2010).

“A mais negativa foi a da minha mãe porque ela chorou imenso. Todo aquele problema à volta de “não vou ter netos” (risos). O que não é verdade porque ela pode ter netos na mesma.” GN10, SF, 23a

Verifica-se, ainda, que mesmo após esta tomada de conhecimento por parte dos/as pais/mães e sua possível aceitação, este continua a ser um tema tabu, questionando-se, portanto, a efetiva aceitação.

“Olha, é assim, com o meu pai eu não faço ideia. Não faço ideia como ele lida com a situação porque não falamos sobre isso. A minha mãe, pronto, é assim, não é uma coisa que ela goste nem é uma coisa que se sinta à vontade para comentar com as pessoas, mas se eu tiver algum problema, se eu precisar de ajuda, se eu precisar de apoio emocional por parte dela, se alguma coisa correu menos bem, está tranquilo por ela. Quer dizer, está tranquilo não, há a vontade para falarmos sobre isso.” GN9, SM, 21a

Observa-se, assim, que estas mães e pais apesar de se dizerem apoiantes estão ainda a traçar um caminho em direção à aceitação das orientações sexuais das/os filhas/os. De acordo com as/os entrevistadas/os, a partir do momento em que outras pessoas tomaram conhecimento acerca das suas orientações sexuais a relação tornou novas formas, tornando-se numa relação mais próxima, contribuindo para uma melhoria a nível relacional (e.g. GN1, SM, 24a). Desta forma, e como se percebe no presente estudo, os sujeitos mais novos remetem para a ideia de que para aquelas/es cuja orientação era negada socialmente, como perspetivam ter sido o caso da geração anterior, o processo de vivência plena acerca da sua orientação sexual deveria ser ainda mais dificultado pela impossibilidade de revelação aos outros.

“Acredito que tenha afetado bastante. É bastante sufocante, por um lado, não podermos demonstrar aos outros aquilo que somos e eu senti muito antes de contar à minha mãe. Era mesmo sufocante não poder dizer a verdade! E isso foi só em relação à minha mãe, portanto em relação à sociedade toda deve ter sido muito difícil. E isso por si só já afeta psicologicamente.” GN10, SF, 23a

Ainda de acordo com alguns dos sujeitos entrevistados, o conhecimento social da sua orientação sexual ocorre de forma gradual, à medida que vão demonstrando as suas “orientações” e maneiras de estar. Os pais e amigos vão-se apercebendo dos comportamentos, sobretudo quando estes são discrepantes relativamente ao que seria esperado de acordo com o género socialmente construído (e.g. GN7, SM, 25a). Na análise relativa aos percursos das identidades sexuais das duas gerações em estudo percebe-se, no discurso destas distintas vivências, que a experiência destas orientações sexuais, marcadas diferenciadamente mas evidenciadas de forma tão semelhante, incide em percursos de ocultação e (auto)silenciamento.

“Fui sempre um bocado reservado e ainda hoje em certas coisas sou. Diretamente, diretamente, nunca disse a ninguém (...) às vezes não é preciso dizer as coisas diretamente.” GA2, SM, 50a

“Há rapazes homossexuais, dentro do meu grupo de amigos, que ainda estão dentro do armário porque sentem que vão ser mal vistos ou que há homofobia, nem que seja disfarçada, dentro do nosso grupo.” GN6, SF, 23a

Este é um tipo de discurso predominante de identidades sexuais que são de tal maneira marcadas pela repressão e opressão, e como vimos é independente da geração e da época em que vivem, que parecem procurar desviar-se da premissa de (auto)revelação, com o intuito de invisibilizar e ou mesmo negar a sua sexualidade, pois se por um lado sentem que esta invisibilidade irá trazer maior segurança, por outro parece que é também uma forma de se encaixar/integrar uma sociedade de carácter heteronormativo (Costa et al., 2010). Contudo, quando esta é revelada e/ou à medida que as pessoas iam tomando conhecimento acerca das orientações, ambas as gerações, verbalizam a inexistência de quaisquer reações negativas. É certo que a menor conceção social de que “ser-se” não-heterossexual é patológico, por exemplo, vai submeter a existência de progressos nas formas de aceitação.

“Eu acho que hoje é totalmente diferente que há uns anos atrás (...) Pronto, acho que hoje as pessoas já aceitam mais do que há uns anos atrás.” GA2, SM, 50a

“Devia ter sido mesmo difícil. Acho que é sempre mais negativa, ainda por cima vindo do Estado Novo, era família, pátria e Deus. Quer dizer família é um homem e

uma mulher e filhos. Toda aquela crença religiosa que é suposto seguir.” GN10, SF, 23a

Contudo, importa referir que a decisão de revelar a orientação não-heterossexual pode ser benéfica ou desvantajosa para o próprio sujeito. Como tem vindo a relatar as/os autoras/os do modelo acima mencionado, a participação política do(s) sujeito(s) LGBT em nada se relaciona com um desenvolvimento integrado *gay* ou *lésbica* já que a própria revelação e ou exposição da sua identidade sexual pode conduzir a determinados constrangimentos sociais.

3.4.2. Relações e perceções acerca das “minorias”

Quando há uma aceitação/internalização das suas orientações sexuais os sujeitos estabelecem as suas relações tanto com heterossexuais como com pessoas LGBT, estabelecendo um sentido de si enquanto *gay* ou *lésbica* nos diferentes contextos (McCarn & Fassinger, 1996; Fassinger & Miller, 1996). No entanto, esta posição vai sofrendo alterações ao longo do tempo.

“Em Lisboa só me dava com lésbicas, gays ou bissexuais. Era só o que eu conhecia, não conhecia mais nada. Porque lá está, era o início, era o auge, eram as pessoas com quem queria estar para também me descobrir a mim mesma, descobrir certas coisas de mim mesma e da sociedade na qual aos olhos da sociedade eu me insiro. Agora aqui não sinto propriamente necessidade.” GN8, SF, 24a

Em termos de relações com os outros, a nível geral, as/os entrevistadas/os evidenciam posturas diversificadas, pois se por um lado consideram que os contactos com outros “iguais” sugerem maiores níveis de identificação e maiores relações de intimidade e de partilha, por outro, sentem que, de certa forma, com outros “desiguais”, esta vivência também é possível e que a orientação sexual nada influencia o nível de intimidade na relação. Esta reflexão é novamente partilhada por ambas as gerações.

“Eu por exemplo tenho amigos homossexuais e claro que se partilharmos essa característica é uma espécie de ponte entre nós. Podemos falar mais à vontade dos assuntos, e frequentar certos sítios que quisermos.” GN1, SM, 24a

“Acho que a orientação sexual das pessoas não tem nada a ver, há outras coisas que podem unir. Dois amigos homens, um deles heterossexual e outro homossexual podem estar a falar sobre os seus relacionamentos e sobre as dificuldades dos seus relacionamentos, um tem uma mulher e outro tem outro homem.” GA3, SM, 50a

No que diz respeito a este tipo de vivência, a geração anterior perspectiva evoluções, talvez por numa época anterior existir maior desconhecimento social e mais altos níveis de discriminação.

“Sim, eu acho que deviam ser muito mais fechadas enquanto que atualmente acho estranho que não aconteçam esse tipo de relações entre gays, lésbicas com heterossexuais. Acredito que antes não existissem tantas relações assim (...) as pessoas podiam ser homossexuais mas podiam perfeitamente ter relações com os heterossexuais, desde que não contassem porque se calhar não ia ser bem visto, ia ser uma coisa mais fechada.” GN9, SM, 21a

Portanto, a nível evolutivo, estão as relações que atualmente se estabelecem e que são independentes da orientação sexual, justificadas pela maior abertura social. No entanto, a evidência discursiva relativa aos padrões de masculinidade hegemónica, faz crer, ainda hoje, esta necessidade de corresponder ao estereótipo masculino como forma de maior aceitação dos outros. Ou seja, parece existir maior receptividade social quando estes padrões correspondem ao que é socialmente aceite, estando perante a pressão da masculinidade tal como acontece com homens heterossexuais. Esta perceção sustenta que a aceitação social é mais dirigida às questões de género do que pela própria orientação sexual do sujeito.

“Eu acho que tem a ver com o facto de eu ser uma pessoa masculina, com gostos tradicionalmente masculinos, e isso em certa medida favorece sempre a minha relação com os meus amigos no sentido em que nos falamos das mesmas coisas e gostamos maioritariamente das mesmas coisas, e nunca na vida me senti excluído daquilo que o grupo masculino faz por exemplo. GN1, SM, 24a

Relativamente às outras identidades “minoritárias”, e ainda que se tenha assistido à promoção de um cenário ideológico, político e social mais desenvolvido e igualitário, em detrimento das vivências anteriores, continuam a sentir-se fatores de discriminação e exclusão referentes a algumas destas identidades, o que é referido por sujeitos de ambas as gerações analisadas neste estudo.

“Acho que estamos aquém, ou pelo menos daquilo que eu acho que seria o ideal. Acho que ainda existe muita discriminação.” GN6, SF, 23a

“Eu acho que Portugal nunca foi um país de muito racismo, sinceramente. Eu acho que nunca foi um país de muito racismo. Claro que ele existe, está lá. Eu acho que as interações eram as mesmas que há agora, não vejo grande diferença.” GA3, SM, 50a

A teoria da interseccionalidade implica um grau de elevada complexidade acerca das identidades e das experiências vividas pelos próprios sujeitos (Nogueira & Oliveira, 2010). Apresentando ideias muito vagas acerca da análise da identidade “sexo x etnia x orientação sexual”, os participantes demonstram concordância quanto ao facto de indivíduos com estas características experienciarem atitudes de preconceito não só com base nas suas orientações sexuais ou identidades de género mas também com base noutros aspetos, sentindo-se, portanto, mais limitados/as e menos aceites dentro da sua própria comunidade cultural (Nogueira & Oliveira, 2010).

“Eu falo disto de ser mulher mas posso quase excluir o ser mulher da questão da orientação sexual, percebes o que te quero dizer? Eu junto mais o ser mulher ao preconceito racial, acredito que as pessoas me julguem mais por ser estas duas ao mesmo tempo, do que julgarem ao mesmo tempo por gostar de mulheres e “és uma mulher”. GN8, SF, 24a

As múltiplas categorias sociais e culturalmente construídas, tais como sexo/género, raça/etnicidade e classe social, relacionam-se entre si, estabelecendo, como vimos, múltiplas formas de discriminação, existindo um entrecruzar de opressão e privilégio, o que significa que as pessoas podem ser oprimidas e privilegiadas noutras dimensões da sua identidade interseccional (Nogueira & Oliveira, 2010). Assim, importa compreender a complexidade das experiências quando estas têm uma inter-relação com um ou mais

grupos privilegiados ou marginalizados, nomeadamente, em exemplo, “orientação sexual x classe social x sexo” (Nogueira & Oliveira, 2010).

“Olha, eu tenho muitas dificuldades acrescidas. Ponto 1 gosto de mulheres, ponto 2 sou filha de preto, ponto 3 sou mulher.” GN8, SF, 24a

4.4.3. Comportamento dependendo do contexto

4.4.3.1. Contexto (não) facilitador na vivência das “orientações”

Uma das questões mais referenciadas por uma grande percentagem dos sujeitos entrevistados diz respeito à forma como os seus comportamentos estão relacionados com o próprio contexto, no qual este pode ser mais protetor ou por vezes menos facilitador, na vivência plena da sua identidade social e sexual. Assim, evidenciam que é nas zonas rurais que existe maior repressão a nível comportamental, por uma questão de invisibilidade existente, que minimiza o apoio social e consequentemente promove maiores níveis de ansiedade (Nogueira & Oliveira, 2010).

“Mas se calhar nas zonas rurais não é só na parte da sexualidade (...) O componente religioso está muito mais presente (...) meios mais pequenos propiciam a que as coisas sejam mais restritas, portanto, uma delas a homossexualidade. Alguém que esteja num meio onde essas coisas não são muito bem vistas, e é pequeno e toda a gente sabe, provavelmente sentir-se-á muito mais reprimido do que numa metrópole.” GN6, SF, 23a

Outros contextos com padrões de maior discriminação, onde estão muito presentes os padrões hegemónicos de “ser-se” homem e “ser-se” mulher, em exemplo, dificultam o processo de revelação e ou exposição aos outros. Em contrapartida, existem outros contextos que se tornam mais protetores por razões de maior visibilidade e modelos que se identificam.

“Sim, o facto de eu me ter desligado do futebol com o facto de estar com o próprio ambiente universitário (...) Também teve que ver com a evolução da minha própria história de vida. Ou seja, eu não sei se poderia ter a mesma perspetiva que tenho agora se continuasse ligado ao futebol.” GN1, SM, 24a

3.4.3.2. (Des)valorização da humilhação

Os participantes sustentam a ideia de que o contexto social se mantém austero e intolerante à demonstração de afetos em público entre pessoas do mesmo sexo.

(...) só em Lisboa é que eu senti o à vontade para se tivesse de andar de mão dada na rua com uma rapariga andava, se tivesse de dar um beijo no meio da rua dava. Mas lá está, sempre com aquela questão de à noite ter mais cuidado, não sei, é instinto.” GN8, SF, 24a

Os discursos dos sujeitos participantes indicam a contínua existência de comportamentos homofóbicos por parte das sociedades, remetendo aos próprios sujeitos insegurança na forma natural de viver a sua identidade sexual em contexto público. Estas são ideologias sociais heteronormativas partilhadas por sujeitos pertencentes às orientações não-heterossexuais, no qual vem submeter, novamente, o preconceito existente mesmo dentro das próprias comunidades.

“Neste mundo eu acho que há muita gente que exagera um bocadinho (...) Tudo o que fizer faço dentro das minhas portas. Mantemos a nossa posição. Se tivermos sozinhos é uma coisa, se tivermos com outras pessoas...” GA2, SM, 50a

Portanto, os indivíduos que procuram o reconhecimento da sua orientação sexual, por vezes têm também o desafio de preservar a sua identidade, não só perante a comunidade heterossexual como também perante os seus “iguais”. No entanto, percebe-se que esta postura dos sujeitos em nada se relaciona com o facto de estas gerações terem vivenciado uma época de maior ou menor recriminação. Ou seja, é diante das suas próprias crenças e perante o modo como pensam que devem posicionar-se socialmente para serem (ou não) mais aceites, uma vez que nem todos os sujeitos de uma geração anterior demonstram ter esta postura (e.g. GA3, SM, 50a).

3.4.4. Posições da imposição social de correspondência à heteronormatividade

3.4.4.1. Enquanto integração na sociedade

Um dos aspetos mais relevantes na presente investigação diz respeito ao facto de o número total dos entrevistados mais novos revelar que, em algum momento das suas vidas, após internalização da sua sexualidade, não seguiram a norma imposta pela sociedade no que concerne à reorientação dos seus desejos físicos e emocionais por pessoas do mesmo sexo. Dada a discriminação e a estigmatização da sociedade na época pré e pós ditadura, tornar-se-ia mais provável que os sujeitos mais velhos tivessem de obedecer e reorientar os seus desejos sexuais de modo a poderem-se sentir mais integrados na sociedade (Almeida, 2010), embora esta vivência não seja partilhada por todas/os (e.g. GA4, SF, 57a; GN3, SM, 50a).

“(...) casei passado meses com o objetivo de pôr completamente de lado o mundo gay, não querer saber o mundo gay, e viver só para a família (...) reprimi-me a mim próprio. E só depois em 2011 voltei ao ativo.” GA5, SM, 59a

Contudo, apesar de desenvolvimentos em termos de menor estigmatização sentida pela sociedade, de acordo com a perspectiva dos/as entrevistados, muitos dos sujeitos têm ainda esta imposição social muito presente, rejeitando muitos dos seus desejos a favor da correspondência à norma.

“Não sei, sinceramente não sei. Acho que as pessoas de cabeça evoluíram um bocadinho no sentido de perceberem que não têm uma doença, nenhuma patologia nem nenhum vício. Mas se calhar continuam a sofrer na mesma porque são pessoas que continuam naquelas vidinhas, principalmente pessoal que vive na província.” GA3, SM, 50a

Parece, portanto, que estamos perante uma sociedade cuja sexualidade não-normativa é, então, já considerada como não patológica. Por seu turno é, no entanto, ainda estigmatizada, implicando a não vivência plena da sexualidade, e comprometendo, assim, o bem-estar dos sujeitos que a reprimem (e.g. D’Augelli et al., 2001b).

“E eu tive uma atitude, para não me despertar, geralmente quando começavam notícias desse género, que eram poucas, levantava-me aí porque não queria ouvir,

ia para o quarto (...) Portanto, reprimi um bocado a nível mental e reprimi um bocado a nível físico (...) espero que ninguém passe o que eu passei em termos de repressão de sexualidade porque custa bastante.” GA5, SM, 59a

3.4.4.2. Pressão perante (re)orientações

Mesmo perante uma sociedade que é conservadora e que se rege por um conjunto de normas que pouco ou nada se identificam com as questões das orientações sexuais e identidade de género, o número total dos sujeitos entrevistados verbalizam não ir ao encontro destas imposições. Embora dois dos sujeitos refiram ter vivido um casamento heterossexual (GA2, SM, 59a; GA5, SM, 59a), estes, em algum momento das suas vidas, foram-se opondo às reorientações incutidas, tendo relações com pessoas do mesmo sexo.

“Só tive a minha primeira experiência com homens mais ou menos aos 26, andava eu na faculdade. Depois foi uma experiência que durou alguns anos, uns três anos e entretanto por vários motivos essa experiência acabou e foi quando nesse mesmo ano que acabou, casei.” GA5, SM, 59a

“A causa da minha separação não foi a sexualidade mas mesmo casado de vez em quando tinha uns encontros homossexuais.” GA2, SM, 50a

Numa época onde a rejeição e a exclusão de muitos dos seus direitos estava muito presente, observa-se, uma vez mais, que nada diferencia da geração atual, onde a aceitação é maior e a interação e a exposição é possível de forma mais aberta. Importa, contudo, reiterar que é perceptível a forma mais facilitada em que atualmente os sujeitos podem rejeitar a norma.

“E o que noto hoje em dia é pessoas na faixa etária dos seus 50 e tais e até 60 e 40 e, interessantes pessoas casadas (...) cada vez mais vejo pessoas casadas a fugir ao aspeto heterossexual, ao aspeto de casamento dito normal, e tentarem, ou por curiosidade, o mundo gay. E tenho alguns amigos assim. Uns já se divorciaram, outros são casados.” GA5, SM, 59a

3.4.5. Referências pessoais

No âmbito dos conteúdos das entrevistas, a visibilidade mediática e os primeiros contactos com outras pessoas LGBT, foram apontados como os principais potenciadores de mudanças nas atitudes, comportamentos e formas de sentir das/os entrevistadas/os, exercendo, dessa forma, uma grande influência no percurso desta comunidade, sustentando-se as figuras públicas como fortes modelos de identificação para a progressiva aceitação das orientações sexuais. A maior visibilidade social daqueles/as que já integraram de forma positiva a sua identidade sexual, pode, assim, servir como modelos para aqueles/as que ainda estão a “construir-se” e ou que se apresentam em “construção”. Constatou-se, que esta identificação com figuras públicas vem permitir, uma vez mais, a desejabilidade social e esta necessidade de correspondência aos outros como parte integrante para a sua (auto)aceitação.

3.4.6. Perceção acerca de si, hoje e no futuro

Estudos realizados por Meyer (2003) com sujeitos/as de orientação *gay*, lésbica e bissexual apontam que indivíduos LGBT por serem alvo de discriminação e estigmatização, num contexto heterossexista, apresentam maiores efeitos negativos ao nível da saúde mental em comparação aos seus pares heterossexuais. No entanto, o presente estudo vai, portanto, contra esta perspectiva, na medida em que os sujeitos não-heterossexuais entrevistados apresentam estados de saúde que lhes são normativos, tal como Savin-Williams, Cohen, Joyner e Rieger (2010) defendem. Segundo Wright e Canetto (2009) os indivíduos de orientação *gay* e lésbica mais velhos apresentam vivências de maior vulnerabilidade, comparativamente a sujeitos mais novos. No entanto, os indivíduos que pertencem a uma geração anterior, no presente estudo, apesar de viverem numa época de maior opressão e rejeição das suas orientações sexuais mantiveram-se pessoas resilientes e mostraram-se capazes de implementar estratégias que lhes permitisse lidar com as adversidades e, conseqüentemente, (auto)construir uma imagem positiva acerca de si (Savin-Williams, 2009). Esta forma de superação das problemáticas pode, também, ser explicada pelo apoio social experienciado pelos sujeitos de ambas as gerações,

que permitiu atenuar os efeitos negativos provenientes do preconceito social (Grossman et al., 2000).

“Acima de tudo vejo-me como uma pessoa normal. Confortável consigo mesma, sem problemas, com projetos de vida. Não me sinto nem diminuído nem melhor, tenho as minhas diferenças. Sou eu próprio.” GNI, SM, 24a

“Só uma palavra, muito feliz. E muito liberto. (pausa) É como me sinto. Sinto-me feliz, e sinto-me liberto, sou aquilo que sou. Acho que não tenho nada para esconder, andei muitos anos a esconder-me e pronto, agora não, saí do armário.” GA5, SM, 59a

Para integração dos temas e subtemas apresentados ao longo desta análise de resultados, apresentamos, no esquema que se segue, o organizador temático encontrado a partir de uma reflexão da relação entre os respetivos temas.

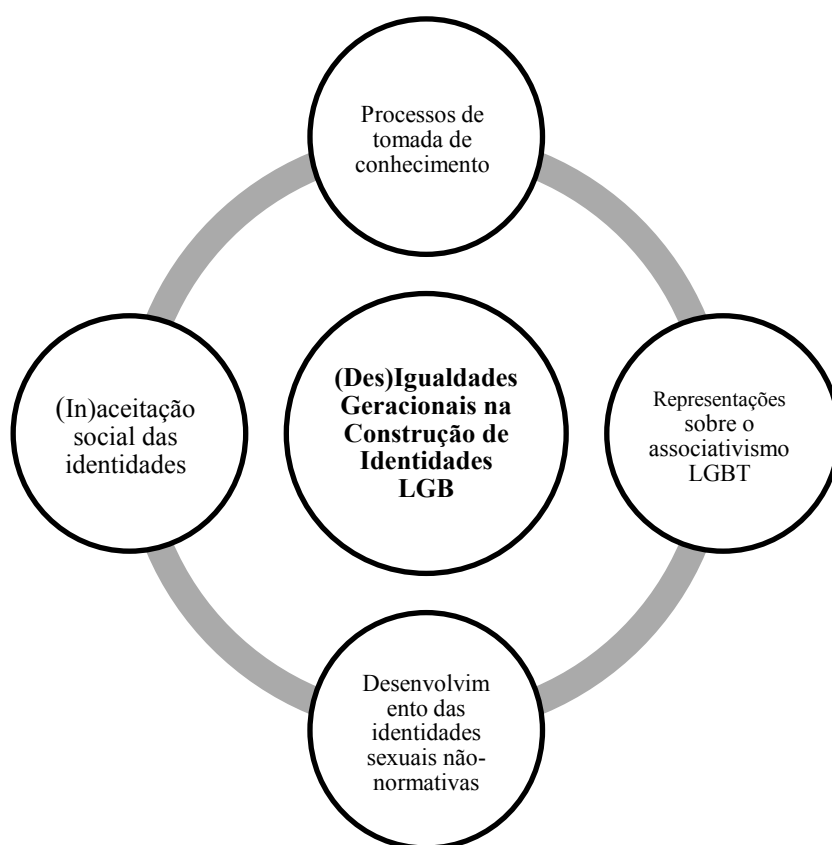


Figura 2. Organizador central

Conclusão

Através deste estudo é possível sustentar que estamos ainda perante uma sociedade fortemente influenciada pela heteronormatividade onde a estigmatização, o preconceito e a discriminação continuam muito presentes na vida dos sujeitos que não correspondem à norma social. Após a queda do regime ditatorial e o surgimento dos movimentos associativos – cuja emergência não seria possível num regime de ditadura (Cascais, 2006) – embora seja menos ostensivo e ameaçador, o quadro repressivo mantém-se. Com base na análise realizada é possível constatar que a sujeição à heteronormatividade ainda está muito presente em ambas as gerações, sendo, muitas vezes, estes/as os/as próprios/as a sentir o peso da discriminação perante outros/as das suas comunidades.

Importa salientar que os movimentos LGBT, que em Portugal só começam a surgir na década de 1990, no constante combate à oposição e ao controlo social, vieram a crescer de forma muito subtil, pela força como as questões políticas e sociais se foram mantendo resistentes às suas formas de expressão (Cascais, 2006; Almeida, 2010). No entanto, como não se podia deixar de enfatizar, estes movimentos associativos assumiram uma oposição ao estigma social, tornando visível a existência de diversidade humana sobre formas de se afirmar e lutar, combatendo, de igual forma, os papéis dicotómicos de género (Santos, 2005). A constatação destas evoluções e as constantes necessidades de luta(s) e de reconhecimento(s), apesar da existência de algumas limitações apresentadas pelos/as participantes do estudo, demonstra o ativismo como uma das formas políticas relevantes de intervenção para a mudança no sentido do exercício da cidadania plena da sexualidade.

Concluimos, também, que a lei mais evidenciada pelos sujeitos participantes é aquela que permite o casamento por pessoas do mesmo sexo, ao acreditarem na existência de uma maior igualdade para todos/as. Acredita-se, uma vez mais, que esta evidência poderá estar relacionada com o peso e com a necessidade de correspondência à norma social. No entanto, salientam que as falhas permanecem e que continuam a ser estabelecidas ações de discriminação para com sujeitos LGBT que ainda é necessário colmatar. Quer com isto dizer-se, portanto, que este estudo permite sustentar que embora valorizado pelos sujeitos nele participantes, o casamento se constitui como figura jurídica de forte insuficiência para ajuda à superação das intensas dificuldades que estes mesmos

sujeitos, independentemente da geração em causa, continuam a experienciar em função das suas orientações sexuais não-normativas.

Foi ainda possível constatar que os sujeitos participantes de ambas as gerações evidenciam percursos e representações semelhantes, ainda que com alguma flexibilidade, na atribuição dos itens que representam cada fase do modelo de McCarn e Fassinger (1996) e Fassinger e Miller (1996). De acordo com os relatos das vivências, experiências e perspetivas dos sujeitos entrevistados, concluímos que, cada fase que caracteriza este modelo, ainda se mantém atual (cf. Anexo 8).

Não obstante, um dos aspetos que mais caracteriza a diferença entre as duas gerações em estudo é o modo como atualmente a sociedade conhece as orientações sexuais. O contacto com outras pessoas LGBT e a maior visibilidade social destas realidades demonstrou contribuir positivamente para a mudança de perspetiva social e consequente aceitação destas identidades, uma vez que a interação com a diversidade parece promover melhor conhecimento e aceitação e, consequentemente, menores comportamentos de homofobia. Mantém-se subjacente, como percebemos da análise, que muitas das atitudes homofóbicas se direcionam para as questões de género e não diretamente para a orientação sexual dos sujeitos.

Ainda de acordo com o demonstrado na análise realizada, e seguindo a linha de Mohr e Fassinger (2006), simultaneamente ao processo de desenvolver uma identidade *gay*, lésbica e bissexual está implícito o estigma social – entendido por atos de natureza pejorativa ao outro, como bullying e segregação social, que comprometem o bem-estar físico e mental dos sujeitos dos processos de vitimização (Coker, Austin & Schuster, 2010). Efetivamente, concluímos que orientações sexuais marcadas pela estigmatização, independentemente da geração, evidenciam uma conflitualidade entre o *ser* e o *parecer*, por razões de desejabilidade e/ou aceitação social. A progressiva normalização da orientação sexual, que os sujeitos por vezes procuram promover, é consequência de uma sociedade de carácter, ainda, heteronormativa, regida pelo sexismo e por atitudes homofóbicas, como já teria encontrado Guasch (2000).

A limitação da investigação centra-se no facto de estes discursos não se poderem tomar como totalmente determinantes da realidade atualmente sentida, ainda que representem, pela evidência do relatado pelas/os participantes, a existência de uma (auto)negação social da sexualidade e a necessidade de correspondência à norma (Guasch,

2000) nas suas perspetivas perante outras realidades “minoritárias”. Assim, este estudo tem como limitação o facto destas vivências/experiências não serem totalmente representativas da sociedade, (também) devido à zona geográfica destes participantes, na medida em que este estudo se centra numa zona urbana mais desenvolvida. A existência de um maior número de sujeitos de uma geração mais nova evidencia, também, com menor precisão, as diferenças entre as vivências das duas gerações.

Em face às limitações, e tal como compreendemos da análise, uma identidade LGBT, pode, em determinados contextos, colidir com os valores culturais, religiosos e familiares pela sobrevalorização destas comunidades (Savin-Williams, 2009), comprometendo ou dificultando a integração plena de uma identidade sexual não-heterossexual. Sugere-se, portanto, que numa próxima investigação sejam atendidas as vivências destes sujeitos nos vários contextos existentes em Portugal, incidindo, também, nas distintas perspetivas de vários autores sobre o bem-estar físico e emocional dos sujeitos com identidades não-heterossexuais (e.g. Savin Williams, et al., 2010).

Propomos também para futuras investigações, selecionar apenas indivíduos que se caracterizem com a mesma orientação sexual, de modo a melhor compreender de que forma estas se preconizam na sociedade. Sugere-se, ainda, o estabelecimento de uma análise comparativa entre as várias realidades apenas das gerações anteriores e, também, a replicação deste estudo com participantes com ligações associativas.

Uma das possíveis reflexões desta investigação relaciona-se com a generalização da discriminação que tem subjacente os estereótipos de género, por vezes mais do que as questões relativas à orientação sexual. Seria, assim, interessante compreender os posicionamentos de sujeitos do sexo feminino, de diferentes gerações, de modo a melhor conhecer as conceções que (ainda) existem em relação aos papéis de género, quando, sobretudo, estes papéis se interrelacionam com as orientações não-heterossexuais.

Outra sugestão de investigação, que ainda se apresenta pouco estudada dada as suas relações múltiplas e complexas nas suas formas de entendimento, e que se constatou nas perspetivas rudimentares dos/as entrevistados/as, diz respeito às questões da interseccionalidade. Estes estudos iriam permitir representar as experiências da totalidade das pessoas, já que grande parte das investigações tem-se centrado sobre sujeitos *gays* e lésbicas brancos/as e de classe média, sendo, desta forma, um reforço para um melhor

entendimento destas realidades e, conseqüentemente, para a possível mudança de perspectiva social, tal como já nos teria evidenciado Nogueira e Oliveira (2010).

Uma vez que os/as participantes enfatizam a discriminação existente mesmo no seio das próprias “minorias”, surge a necessidade de melhor compreender estes posicionamentos de acordo com os contextos e os fatores que fazem promover estas atitudes perante os seus “iguais”. Este torna-se um desafio para novas reflexões a incidir no quadro do ativismo LGBT, numa análise e reflexão que melhor explique a existência destas realidades.

Dada a compreensão de que muitos dos sujeitos vivenciam a sua sexualidade de forma fluida e não “categorizada”, enquanto profissionais, devemos, assim, atender que a atração física e emocional não são processos estanques e que estes sujeitos podem seguir várias trajetórias ao longo do seu desenvolvimento sexual. Apesar de viverem numa época de maior exclusão e resistência às reivindicações dos seus direitos, os sujeitos de uma geração anterior mostram-se pessoas resilientes, contrariando os estudos que indicam que as orientações não-heterossexuais constituem grupos de riscos e constroem a imagem de um sujeito LGBT indefeso e psicologicamente desadaptado (e.g. Meyer, 2003). Importa, no entanto, que os/as investigadores/as e profissionais de saúde atendam a esta interpretação, não desvalorizando, claro, o impacto que o preconceito e a discriminação constitui para os sujeitos, independentemente da geração. De acordo com os nossos resultados da análise compreende-se que a adaptação psicológica dos sujeitos LGBT é influenciada por um conjunto de fatores sóciocontextuais que interferem com as suas vivências e que vão dificultando a integração de uma identidade sexual não-normativa. Desta forma, tal como evidencia Carneiro (2009), é importante tomar em consideração o tempo desenvolvimental em que é construída a sua identidade sexual bem como o tipo de significado que o próprio contexto atribui às sexualidades não-normativas, focalizando-se assim, a importância destes fatores numa psicologia interventiva social.

Em suma, cabe-nos a nós, como cidadãos/cidadãs, acreditar na existência das subjetividades, que em nada se relacionam com uma “normalidade” que nos é inculcada socialmente. Acreditarmos que dentro da complexidade que nos diferencia, há muito que nos une, assumindo, portanto, que deva impreterivelmente existir o direito a uma cidadania plena para todas/os, desenvolvendo uma atitude de efetiva e estrutural celebração da diversidade humana.

Referências

- Alarie, M. & Gaudet, S. (2013). "I don't know if she is bisexual or if she just wants to get attention": Analyzing the various mechanisms through which emerging adults invisibilize bisexuality. *Journal of Bisexuality*, 13, 191-214. doi:10.1080/15299716.2013.780004
- Almeida, S. J. (2010). *Homossexuais no Estado Novo*. Sextante Editora: Porto.
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3, 77-101. doi: 10.1191/1478088706qp063oa
- Braun, V. & Clarke, V. (2013). Teaching thematic analysis: Overcoming challenges and developing strategies for effective learning. *The Psychologist*, 26(2), 120-123.
- Carneiro, N. S. (2006). *Ser, pertencer e participar: Construção da identidade homossexual, redes de apoio e participação comunitária*. (Dissertação de doutoramento não publicada). Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, Porto.
- Carneiro, N. S. (2009). *Homossexualidade: Uma psicologia entre o ser, pertencer e participar*. Lisboa: Livpsic.
- Carneiro, N., & Menezes, I. (2004). "Paisagens, caminhos e pedras: Identidade homossexual e participação política". In Cascais, A. F. (Ed.), *Indisciplinar a teoria: estudos gays, lésbicos e queer* (pp.117-141). Lisboa: Fenda.
- Cascais, F. (2006). Diferentes Como Só Nós: O Associativismo GLBT português em três andamentos. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 76, 109-126.
- Cass, V. C. (1984). Homosexual identity formation: Testing a theoretical model. *Journal of Sex Research*, 20(2), 143-167.
- Coker, T. R., Austin, S. B., & Schuster, M. A. (2010). The health and health care of lesbian, gay, and bisexual adolescents. *Annual Review of Public Health*, 31, 457-477.

- Coleman, E. (1982). Developmental stages of the coming out process. *Homosexuality and Psychotherapy*, 31-43.
- Colling, L. (2015). *Que os outros sejam o normal: tensões entre movimento LGBT e ativismo queer*. Salvador: Edufba.
- Costa, C. G., Nogueira, J. M., & Nogueira, C. (2010). Os discursos das pessoas LGBT. In I. Castro (Ed.), *Estudo sobre a discriminação em função da orientação sexual e de identidade de género* (pp. 211-242). Lisboa: Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género.
- D'Augelli, A. R., & Grossman, A. H. (2001). Disclosure of sexual orientation, victimization, and mental health among lesbian, gay, and bisexual older adults. *Journal of Interpersonal Violence*, 16, 1008-1027.
- D'Augelli, A. R., Grossman, A. H., Hershberger, S. L. & O'Connell, T. S. (2001a). Aspects of mental health among older lesbian, gay, and bisexual adults. *Aging and Mental Health*, 5 (2), 149-158.
- D'Augelli, A. R., Hershberger, S. L., & Pilkington, N. W. (2001b). Suicidality patterns and sexual orientation-related factors among lesbian, gay, and bisexual youths. *Suicide And Life-Threatening Behavior*, 31(3), 250-264. doi:10.1521/suli.31.3.250.24246.
- Doty, N. D., Willoughby, B. L. B., Lindahl, K. M. & Malik, N. M. (2010). Sexuality related social support among lesbian, gay, and bisexual youth. *Journal of Youth and Adolescence*, 39 (10), 1134-47.
- Fassinger, R. E., & Miller, B. A. (1996). Validation of a model of sexual identity development for a sample of gay men. *Journal of Homosexuality*, 32, 53-79.
- Fergus, S., & Zimmerman, M. A. (2005). Adolescent resilience: A framework for understanding healthy development in the face of risk. *Annual Review of Public Health*, 26, 399 - 419.
- Ferreira, E. & Silva, M. J. (2011). Equality policy in Portugal: the case of sexual orientation. In M. Joz, C. Daniël, M. Petra, M. Dimitri & Z. Patrizia (Eds.), *Equal is*

not enough: challenging differences and inequalities in contemporary societies (pp. 142- 155). Antwerp: Policy Research Centre on Equal opportunities.

Fontanella, B., Ricas, J., & Turato, E. (2008). Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. *Cadernos de Saúde Pública*, 24(1), 17-27.

Grossman, A. H., D'Augelli, A. R., & Hershberger, S. L. (2000). Social support networks of lesbian, gay, and bisexual adults 60 years of age and older. *The Journals of Gerontology. Series B: Psychological Sciences and Social Sciences*, 55B, 171–179.

Guash, O. (2000) *La crisis de la heterosexualidade*. Barcelona: Leartes.

Heatherington, L., & Lavner, J. A. (2008). Coming to terms with coming out: Review and recommendations for family systems-focused research. *Journal of Family Psychology*, 22(3), 329-343. doi:10.1037/0893-3200.22.3.329

Hoang, M., Holloway, J., & Mendoza, R. H. (2011). An empirical study into the relationship between bisexual identity congruence, internalized biphobia and infidelity among bisexual women. *Journal of Bisexuality*, 11, 23-38.

Hughes, M. (2003). Talking about sexual identity with older men. *Australian Social Work*, 56(3), 258-266. doi:10.1046/j.0312-407x2003.00078.x

Maia, B., Louçã, J. C. & Vitorino, S. (2016). *O movimento LGBT em Portugal: dados e factos*. Acedido em 14 de Maio de 2016, em <http://www.esquerda.net/dossier/o-movimento-lgbti-em-portugal-datas-e-factos/41315>

McCarn, S. R., & Fassinger, R. E. (1996). Revisioning sexual minority identity formation: A new model of lesbian identity and its implications. *The Counseling Psychologist*, 24, 508-534.

Mohr, J. J., & Fassinger, R. E. (2003). Self-acceptance and self-disclosure of sexual orientation in lesbian, gay, and bisexual adults: An attachment perspective. *Journal of Counseling Psychology*, 50, 482–495.

- Mohr, J. J. & Fassinger, R. E. (2006). Sexual orientation identity and romantic relationship quality in same-sex couples. *Personality and social psychology bulletin*, 32 (8), 1085-1099.
- Moita, M. G. (2001). *Discursos sobre a Homossexualidade no Contexto Clínico: A homossexualidade de dois lados do espelho*. (Dissertação de doutoramento não publicada). Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar, Porto.
- Meyer, I. H. (2003). Prejudice, social stress, and mental health in lesbian, gay, and bisexual populations: Conceptual issues and research evidence. *Psychological Bulletin*, 129, 674–697.
- Needham, B. L. (2012). Sexual attraction and trajectories of mental health and substance use during the transition from adolescence to adulthood. *Journal of Youth and Adolescence*, 41, 179-190. doi: 10.1007/s10964-011-9729-4
- Nogueira, C., & Luísa Saavedra (2007). Estereótipos de género: conhecer para os transformar. *Cadernos SACAUSEF* (3), 10-30.
- Nogueira, C., & Oliveira, J. (2010). Introdução: Um olhar da psicologia feminista crítica sobre os direitos humanos de pessoas LGBT. In C. Nogueira & J. M. Oliveira (Eds). *Estudo sobre a discriminação em função da orientação sexual e da identidade de género* (pp. 9-17). Lisboa: CIG.
- Saltzburg, S. (2009). Parents' experience of feeling socially supported as adolescents come out as lesbian and gay: a phenomenological study. *Journal Of Family Social Work*, 12(4), 340-358. doi:10.1080/10522150903261932
- Santos, A. C. (2005). *A lei do desejo: Direiros humanos e minorias sexuais em Portugal*. Porto: Afrontamento.

- Savin-Williams, R. C. (2006). *The new gay teenager*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Savin-Williams, R. C. (2009). *La nueva adolescencia homosexual*. Madrid: Ediciones Morata, S. L. y Fundación Paideia Galiza.
- Savin-Williams, R. C., Cohen, K. M., Joyner, K., & Rieger, G. (2010). Depressive symptoms among same-sex oriented young men: Importance of reference group [Letter to the Editor]. *Archives of Sexual Behavior*. doi:[10.1007/s10508-010-9658-4](https://doi.org/10.1007/s10508-010-9658-4)
- Savin-Williams, R. C., & Ream, G. L. (2003). Suicide attempts among sexual-minority male youth. *Journal Of Clinical Child & Adolescent Psychology*, 32(4), 509-522. doi:[10.1207/S15374424JCCP3204_3](https://doi.org/10.1207/S15374424JCCP3204_3)
- Schilt, K., & Westbrook, L. (2009). Doing gender, doing heteronormativity: “Gender normals,” transgender people, and the social maintenance of heterosexuality. *Gender & Society*, 23(4), 440–464.
- Sophie, J. (1987). Internalized homophobia and lesbian identity. In Eli Coleman (Ed.), *Psychotherapy with homosexual men and women: Integrated identity approaches for clinical practice*. New York: Haworth Press.
- Sullivan, M. K. (2003). Homophobia, history, and homossexuality. *Journal of Human Behavior in the Social Environment*, 8, 1-13. doi: [10.1300/J137v08n02_01](https://doi.org/10.1300/J137v08n02_01)
- Troiden, R. (1989). The formation of homosexual identities. *Journal of Homosexuality*, 17, 43-73.
- Wright, S. L., & Canetto, S. S. (2009). Stereotypes of older lesbians and gay men. *Educational Gerontology*, 35(5), 424-452. doi:[10.1080/03601270802505640](https://doi.org/10.1080/03601270802505640)

Anexos

Anexo 1. Características sócio-demográficas dos/as participantes

Tabela 1. Descrição dos/as participantes

Participantes	Sexo	Orientação Sexual	Idade	Habilitações	Profissão	Estado Civil
GN1	Masculino	Homossexual	24	Licenciatura	Estudante	Solteiro
GA2	Masculino	Gay	50	9º ano	Motorista	Divorciado
GA3	Masculino	Pansexual	50	12º ano	Webdesign-webmarketing	Solteiro
GA4	Feminino	Homossexual	57	12º ano	Empresária	Casada
GA5	Masculino	Gay	59	Licenciatura	Professor	Divorciado
GN6	Feminino	“Sem identificação”	23	Licenciatura	Estudante	Solteira
GN7	Masculino	Homossexual	25	Mestrado	Técnico superior de educação	Solteiro
GN8	Feminino	“Pessoa”	24	Licenciatura	Atriz	Solteira
GN9	Masculino	Homossexual	21	12º ano	Estudante	Solteiro
GN10	Feminino	Lésbica	23	Licenciatura	Estudante	Solteira

Anexo 2. Declaração de Consentimento Informado

O presente trabalho de investigação insere-se no âmbito do Mestrado Integrado em Psicologia, sob a orientação do Prof. Doutor Nuno Carneiro, tendo como principal objetivo estudar **de que forma as orientações sexuais são vivenciadas por sujeitos de diferentes gerações**. A sua participação é voluntária, estando garantido em absoluto a confidencialidade e anonimato das pessoas participantes.

Eu, _____,

concordo e aceito com a gravação áudio da(s) entrevista(s) sendo a utilização da sua informação estrita para fins da investigação supra mencionada.

Confirmo ainda que:

Obtive explicação acerca dos objetivos do presente estudo

SIM__ NÃO__

Tive a possibilidade de esclarecer qualquer dúvida relativa à presente investigação

SIM__ NÃO__

Fui informado/a que a minha participação é de carácter voluntário

SIM__ NÃO__

Tenho conhecimento que os dados serão usados apenas para fins de investigação científica

SIM__ NÃO__

Compreendi e aceito as condições inerentes à presente investigação

SIM__ NÃO__

Assinatura da/o participante: _____

Data: ___ - ___ - _____

Anexo 3. Compromisso de Confidencialidade dos Dados de Investigação

A presente investigação é desenvolvida no âmbito do Mestrado Integrado em Psicologia da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto sob a orientação do Prof. Doutor Nuno Carneiro, e tem como principal objetivo estudar **de que forma as orientações sexuais são vivenciadas por sujeitos de diferentes gerações**. Sublinha-se que **os dados recolhidos serão tornados anónimos** e que toda a informação será tratada de modo absolutamente **confidencial**, destinando-se exclusivamente a fins científicos, e não havendo qualquer identificação dos sujeitos participantes. Mediante solicitação é disponibilizado às/aos participantes o acesso aos resultados dos estudos integrados nesta investigação.

Tiago Martins

Data: ____ - ____ - _____

Anexo 4. Guião de entrevista

Gerações mais velhas

1. Recordando o seu percurso de vida e pedindo-lhe que se foque na sua sexualidade/orientação sexual/ou como melhor entende identificar, gostaria que me contasse, de forma resumida, como é que a experiência, a vivência desta(s) sexualidade(s), orientações sexuais, (o que lhe chamar) foi vivida por si?
 - a. Sente que houve uma evolução? Se sim, como foi sendo ela vivida e como foi sendo tomada consciente?
 - b. Diria que houve marcos ou acontecimentos importantes relacionados com o que me está a contar? Se sim, quais foram esses mais importantes e porquê terem esse significado de importância?
 - c. Como foi lidando com o processo de que me está a falar?
 - d. Houve/ há pessoas que foram / têm tomado conhecimento da sua orientação sexual/sexualidade/o que definir? Pode dizer-me quem foram/ são e de que forma foram reagindo e reagem hoje em dia essas pessoas?
 - e. As formas de reação no passado foram diferentes das formas de reação do presente? Se não, porque sente que não? Se sim porque sente que sim e em quê?
 - f. Quando pensamos nas normas da sociedade, ou seja naquilo que é visto como aceitável e que é imposto como a maneira “correta” de ser ou de estar, e nestas normas quando elas se relacionam com as questões da sexualidade, da orientação sexual (da forma como definir) como lida/lidou com estas normas? (e.g. convenções do casamento heterossexual, procriação, reprodução da heterossexualidade...)

2. Uma vez que anteriormente já falamos um pouco do conhecimento e das reações que as pessoas foram tendo acerca da sua sexualidade/orientação sexual/como definir, agora gostaria que falássemos das interações e das relações estabelecidas com as outras pessoas/com os outros, mas mais a nível geral. Ou seja, era importante que me falasse das relações que atualmente estabelece com os outros e se a orientação sexual, as sexualidades, ..., têm importância / se são um aspeto ou uma dimensão importante no estabelecimento destas relações.

- a. Se sim, em que sentido e de que forma sente que isto foi mudando ao longo da história de vida? Se não, porque sente que não?
 - b. Através da sua experiência/visão/ideia considera que as gerações de pessoas que são hoje mais novas estabelecem as interações com os outros com base nas suas orientações sexuais, sexualidades, ...? Em que sentido? Considera existir diferenças em relação ao que disse comparativamente à sua geração?
 - c. Como considera ser o estabelecimento das relações entre os sujeitos pertencentes e não pertencentes às ditas “minorias sexuais” na geração atual?
 - d. Quando pensa na sua geração qual é a relação com pessoas de outras “minorias” (e.g. socialmente entendidas como sexuais, étnicas, etc...) E quando pensa em gerações mais novas?
 - e. Existiram para si modelos de pessoas, de acontecimentos, de formas de afirmar ou lutar pelas sexualidades ditas “minoritárias” que tenham sido importantes para si? Que modelos são esses, e em que eles se caracterizam/caracterizaram para si?
3. Agora gostaria de pensar consigo sobre os movimentos associativos/coletivos que, como é o caso das associações LGBT, têm vindo a reunir esforços perante o estabelecimento da igualdade e de luta contra atos de natureza discriminatória perante as chamadas “minorias sexuais”. Que importância considera que (não) têm/tiveram no seu percurso de vida? Porque?
- a. Para si faz sentido que estas associações existam?
 - i. Se não, porquê?
 - ii. Se sim, porquê?
 - b. Conhece alguma ou algumas destas associações? Quais? Como conhece? Já esteve presente? O que sabe que estas associações fazem? Que lutas têm desenvolvido e continuam a desenvolver pelos direitos das pessoas LGBT?
 - c. Tem ideia de quais foram os principais marcos históricos/lutas a favor das chamadas minorias sexuais? Considera importantes para si? Porque? Quais para si são os mais ou menos importantes e porquê?
 - d. Acha que contribuíram e/ ou tem contribuído para a sua geração?
 - i. Se sim: em quê, porquê?
 - ii. Se não: porquê?

- e. E acha que contribuíram / têm contribuído para uma geração de pessoas mais novas?
 - i. Se sim: em quê, porquê?
 - ii. Se não: porquê?
 - f. Para si, resumidamente, e de uma maneira geral, o que é ser Lésbica, Gay, Bissexual ou Transgénero/ Transexual em Portugal?
 - i. Se sente que há diferenças nestas “categorias”, porquê?
 - ii. Se não, porquê?
4. Pensando em tudo o que foi dito, e caso se sinta à vontade para o fazer, como atualmente se vê enquanto pessoa? 4.1. O que sente que seria e que é atualmente o mais importante, em termos sociais, políticos, para a existência e construção de um sentido de justiça e igualdade em torno das questões das minorias sexuais. 4.2. Se acha que isso é importante, sente que há uma relação com a luta pela justiça social e pela igualdade no caso de outras “minorias” que não sejam apenas as minorias sexuais ou de identidade de género/ transexuais? Quais essas minorias? Quais essas relações?
5. Para finalizar, tem algum aspeto que considere importante acrescentar a esta entrevista? Gostaria, também, que me dissesse como se foi sentindo ao longo deste encontro?

Gerações mais novas

1. Recordando o teu percurso de vida e pedindo-te que te foques na tua sexualidade/orientação sexual/ou como melhor entendes identificar, gostaria que me contasses, de forma resumida, como é que a experiência, a vivência desta(s) sexualidade(s), orientações sexuais, (o que lhe chamarem) foi vivida por ti?
- a. Sentes que houve uma evolução? Se sim, como foi sendo ela vivida e como foi sendo tomada consciente?

- b. Dirias que houve marcos ou acontecimentos importantes relacionados com o que me estás a contar? Se sim, quais foram esses mais importantes e porquê terem esse significado de importância?
 - c. Como foste lidando com o processo de que me estás a falar?
 - d. Houve/ há pessoas que foram / têm tomado conhecimento da tua orientação sexual/sexualidade/o que definir? Podes dizer-me quem foram/ são e de que forma foram reagindo e reagem hoje em dia essas pessoas?
 - e. As formas de reação no passado foram diferentes das formas de reação do presente? Se não, porque sente que não? Se sim porque sente que sim e em quê?
 - f. Quando pensamos nas normas da sociedade, ou seja naquilo que é visto como aceitável e que é imposto como a maneira “correta” de ser ou de estar, e nestas normas quando elas se relacionam com as questões da sexualidade, da orientação sexual (da forma como definir) como lidas com estas normas? (e.g. convenções do casamento heterossexual, procriação, reprodução da heterossexualidade...)
2. Uma vez que anteriormente já falamos um pouco do conhecimento e das reações que as pessoas foram tendo acerca da tua sexualidade/orientação sexual/como definir, agora gostaria que falássemos das interações e das relações estabelecidas com as outras pessoas/com os outros, mas mais a nível geral. Ou seja, era importante que me falasses das relações que atualmente estabelececes com os outros e se a orientação sexual, as sexualidades, ..., têm importância / se são um aspeto ou uma dimensão importante no estabelecimento destas relações.
- a. Se sim, em que sentido e de que forma sentes que isto foi mudando ao longo da história de vida? Se não, porque sentes que não?
 - b. Através da tua experiência/visão/ideia considera que as gerações de pessoas que são hoje mais novas estabelecem as interações com os outros com base nas suas orientações sexuais, sexualidades, ...? Em que sentido? Consideras existir diferenças em relação ao que disseste comparativamente à tua geração?

- c. Como consideras ser o estabelecimento das relações entre os sujeitos pertencentes e não pertencentes às ditas “minorias sexuais” na geração atual?
 - d. Quando pensas na tua geração qual é a relação com pessoas de outras “minorias” (e.g. socialmente entendidas como sexuais, étnicas, etc...) E quando pensa em gerações mais novas?
 - e. Existiram para ti modelos de pessoas, de acontecimentos, de formas de afirmar ou lutar pelas sexualidades ditas “minoritárias” que tenham sido importantes para ti? Que modelos são esses, e em que eles se caracterizam/caracterizaram para ti?
3. Agora gostaria de pensar contigo sobre os movimentos associativos/coletivos que, como é o caso das associações LGBT, têm vindo a reunir esforços perante o estabelecimento da igualdade e de luta contra atos de natureza discriminatória. Que importância consideras que (não) têm/tiveram no teu percurso de vida? Porque?
- a. Para ti faz sentido que estas associações existam?
 - i. Se não, porquê?
 - ii. Se sim, porquê?
 - b. Conheces alguma ou algumas destas associações? Quais? Como conheces? Já estiveste presente? O que sabes que estas associações fazem? Que lutas têm desenvolvido e continuam a desenvolver pelos direitos das pessoas LGBT?
 - c. Tens ideia de quais foram os principais marcos históricos/lutas a favor das chamadas minorias sexuais? Consideras importantes para ti? Porque? Quais para ti são os mais ou menos importantes e porquê?
 - d. Achas que contribuíram e/ ou tem contribuído para a tua geração?
 - i. Se sim: em quê, porquê?
 - ii. Se não: porquê?
 - e. E achas que contribuíram / têm contribuído para uma geração de pessoas mais velhas do que tu?
 - i. Se sim: em quê, porquê?
 - ii. Se não: porquê?

- f. Para ti, resumidamente, e de uma maneira geral, o que é ser Lésbica, Gay, Bissexual ou Transgénero/ Transexual em Portugal?
 - i. Se sentes que há diferenças nestas “categorias”, porquê?
 - ii. Se não, porquê?

- 4. Pensando em tudo o que foi dito, e caso te sintas à vontade, como atualmente te vês enquanto pessoa?
 - 4.1. O que sentes que seria e que é atualmente o mais importante, em termos sociais, políticos, para a existência e construção de um sentido de justiça e igualdade em torno das questões das minorias sexuais.
 - 4.2. Se achas que isso é importante, sentes que há uma relação com a luta pela justiça social e pela igualdade no caso de outras “minorias” que não sejam apenas as minorias sexuais ou de identidade de género/ transexuais? Quais essas minorias? Quais essas relações?

- 5. Para finalizar, tens algum aspeto que consideres importante acrescentar a esta entrevista? Gostaria, também, que me disseses como te foste sentindo ao longo deste encontro?

Anexo 5. Sugestões de itens

Gay

1. Consciência
 - a. Individual
 - i. Começo a notar em mim um forte desejo de tocar o corpo de outro homem.
 - b. Grupal
 - i. Só agora começo a tomar consciência de que a heterossexualidade não é tudo o que existe.
2. Exploração
 - a. Individual
 - i. O modo como me tenho sentido ultimamente leva-me a pensar que gostaria de saber como é estar sexualmente com um homem.
 - b. Grupal
 - i. Estou a começar a conhecer lésbicas e gays, e isso assusta-me mas ao mesmo tempo entusiasma-me.
3. Aprofundamento ou Compromisso
 - a. Individual
 - i. Ultimamente, tenho percebido que provavelmente não seria capaz de ter as mulheres como parceiras íntimas.
 - b. Grupal
 - i. Hoje em dia, o facto de eu ser gay é uma parte fundamental da minha vida social.
4. Internalização ou Síntese
 - a. Individual
 - i. Consegui que a minha intimidade com homens fizesse parte da minha maneira de ser como pessoa.
 - b. Grupal
 - i. Enquanto gay, consigo hoje em dia relacionar-me confortavelmente tanto com lésbicas, gays e bissexuais como com heterossexuais.

Bissexuais

1. Consciência
 - a. Individual
 - i. Começo a notar em mim um forte desejo de tocar o corpo tanto de homens como de mulheres.
 - b. Grupal
 - i. Só agora começo a tomar consciência de que a heterossexualidade e a homossexualidade não são tudo o que existe.
2. Exploração
 - a. Individual
 - i. O modo como me tenho sentido ultimamente leva-me a pensar que gostaria de saber como é estar sexualmente tanto com um homem como com uma mulher.
 - b. Grupal
 - i. Estou a começar a conhecer lésbicas e gays, e isso assusta-me mas ao mesmo tempo entusiasma-me..
3. Aprofundamento ou compromisso
 - a. Individual
 - i. Ultimamente, tenho percebido que provavelmente não seria capaz de ter só os homens ou só as mulheres como parceiros/as íntimos/as
 - b. Grupal
 - i. Hoje em dia, o facto de eu ser bissexual é uma parte fundamental da minha vida social.
4. Internalização ou síntese
 - a. Individual
 - i. Consegui que a minha intimidade tanto com mulheres como com homens fizesse parte da minha maneira de ser como pessoa.
 - b. Grupal
 - i. Enquanto bissexual, consigo hoje em dia relacionar-me confortavelmente tanto com lésbicas, gays e bissexuais como com heterossexuais.

Lésbica

1. Consciência
 - a. Individual
 - i. Começo a notar em mim um forte desejo de tocar o corpo de outra mulher.
 - b. Grupal
 - i. Só agora começo a tomar consciência de que a heterossexualidade não é tudo o que existe.
2. Exploração
 - a. Individual
 - i. O modo como me tenho sentido ultimamente leva-me a pensar que gostaria de saber como é estar sexualmente com uma mulher.
 - b. Grupal
 - i. Estou a começar a conhecer lésbicas e gays, e isso assusta-me mas ao mesmo tempo entusiasma-me.
3. Aprofundamento ou Compromisso
 - a. Individual
 - i. Ultimamente, tenho percebido que provavelmente não seria capaz de ter os homens como parceiros íntimos.
 - b. Grupal
 - i. Hoje em dia, o facto de eu ser lésbica é uma parte fundamental da minha vida social.
4. Internalização ou Síntese
 - a. Individual
 - i. Consegui que a minha intimidade com mulheres fizesse parte da minha maneira de ser como pessoa.
 - b. Grupal
 - i. Enquanto lésbica, consigo hoje em dia relacionar-me confortavelmente tanto com lésbicas, gays e bissexuais como com heterossexuais.

Anexo 6. Questões acerca dos itens

Gerações mais velhas

1. Com base nestes cartões que lhe apresento, gostaria que me indicasse as frases que neste momento mais se identifica.
 - a. Por qual razão se identificou com estas frases? Que razões o levaram à escolha destas?
 - b. Por qual razão não se identificou com estas frases?
 - c. Agora gostaria que me colocasse estes cartões numa ordem que considera corresponder ao seu percurso ou à sua história de vida.
 - d. Quer me explicar a razão pela qual optaste por ordenar desta forma?
 - e. Esta ordenação que fez também se aplicaria, em geral, a outras pessoas com histórias de vida gay /lésbicas/ bissexuais?
 - i. Se sim, porquê?
 - ii. Se não, porquê?

Gerações mais novas

2. Com base nestes cartões que te apresento, gostaria que me indicasses as frases que neste momento mais te identificas.
 - a. Por qual razão te identificaste com estas frases? Que razões te levaram à escolha destas?
 - b. Por qual razão não te identificaste com estas frases?
 - c. Agora gostaria que me colocasses estes cartões numa ordem que consideras corresponder ao teu percurso ou à tua história de vida.
 - d. Queres me explicar a razão pela qual optaste por ordenar desta forma?
 - e. Esta ordenação que fizeste também se aplicaria, em geral, a outras pessoas com histórias de vida gay /lésbicas/ bissexuais?
 - i. Se sim, porquê?
 - ii. Se não, porquê?

Anexo 7. Questionário sóciodemográfico

Sexo:

Define a sua orientação sexual?

Se não, porque não define?

Se sim, qual/ como define?

Define-se em relação ao género – isto é, tem alguma identificação com expressões como “masculino” ou “feminino”, ou “homem”/ “mulher”?

Se sim, qual a definição?

Se não, porquê?

Idade:

Nacionalidade:

Habilitações Literárias:

Profissão:

Estado Civil:

Identifica-se com alguma Religião: Não__ Sim__ Qual?__

É praticante? Sim__ Não__

Zona de Residência: Rural__ Urbana__

Em que núcleo regional se encontra a residir atualmente?

Litoral/Interior__ Norte__ Centro__ Sul__

Sempre viveu no seu local atual de residência? Sim__ Não__

Se não: Qual a zona de residência anterior? Há quanto tempo habita neste atual local?

Anexo 8. Ordenação e grau de importância atribuída a cada item pelos sujeitos na relação com a descrição do desenvolvimento das suas identidades (LGBT)

Tabela 2. Seleção dos itens

Itens	GN1	GA2	GA3	GA4	GA5	GN6	GN7	GN8	GN9	GN10
1. Consciência Individual	2	2	3	2+	2	2	3+	3	2	3
2. Consciência Grupal	3	6+	1	1	4+	1	6	1	1	1
3. Exploração Individual	1	1	4	3+	1	5	1+	2	3	4
4. Exploração Grupal	5	3	5	4	3	3	2	4	4	2
5. Aprofundamento ou Compromisso Individual	4	4	2	7+	8	4	4+	6	5	6+
6. Aprofundamento ou Compromisso Grupal	8+	8	7+	5	7+	6	8+	5+	8+	5
7. Internalização ou síntese Individual	6+	5	8+	6+	5+	7+	5+	7+	6+	7+
8. Internalização ou síntese Grupal	7+	7+	6+	8+	6+	8+	7	8+	7+	8+

Nota: + mais identifica